



Extratos

Ano 2
Número 4

Entrevista **exclusiva**

A LUTA CONTRA O
SUPERVÍRUS
DA AIDS

O PRECONCEITO
CONTRA O NEGRO
NOS BANCOS

Agnelo Queiroz

**'Meu mandato
será
totalmente dentro
da
legalidade'**



Presidente

Rodrigo Lopes Britto (BB)

Secretário-geral

André Matias Nepomuceno (BRB)

Secretário de Finanças

Enilson Cardoso da Silva (Caixa)

Secretário de Administração

Edmilson Wanderley Lacerda (Itaú Unibanco)

Secretária de Imprensa

Rosane Maria Gonçalves Alaby (Santander)

Secretária de Assuntos Parlamentares

Maria Aparecida Sousa (BRB)

Secretário de Assuntos Jurídicos

Rafael Zanon (BB)

Secretário de Política Sindical

Saulo Rodrigues dos Santos (BB)

Secretário de Cultura

José Garcia de Sousa Rocha (Bradesco)

Secretária de Assuntos com a Comunidade

Louraci Moraes dos Santos (Itaú Unibanco)

Secretária de Saúde

Fabiana Uehara Proscholdt (Caixa)

Secretário de Formação Sindical

Wandeir Souza Severo (Caixa)

Secretário de Estudos Socioeconômicos

Antonio Eustáquio Ribeiro (BRB)

Secretário de Divulgação

Jeferson Gustavo Pinheiro Meira (BB)

Antonio Abdan (Caixa)

Cenira Rodrigues de Freitas (BRB)

Cristiano Alencar Severo (BRB)

Eduardo Araújo de Souza (BB)

Eliete Boaventura Sant'Anna (BB)

Elza Maria de Oliveira (BB)

Francinaldo Araújo Costa (Caixa)

Hélio Gregório da Silva (BB)

Kleyton Guimarães Moraes (BB)

Luana Regina Euzébia da Silva (BB)

Maira Dalana Araújo Fialho (BRB)

Manoel Francisco Duque de Sousa (BRB)

Márcio Teixeira (Bradesco)

Maria Auxiliadora de Oliveira Silva (Caixa)

Ossama Ali Yousef R. Fares (BB)

Paulo Frazão (Piqui) (HSBC)

Peterson Gomes de Miranda (BB)

Raimundo Dantas (HSBC)

Reinaldo Cardoso Freitas (Caixa)

Renato Shalders (Caixa)

Roberto de Sousa (Itaú Unibanco)

Rogério Fernandes Dias (BB)

Romero Silveira de Carvalho (Caixa)

Sandro Silva Oliveira (Itaú Unibanco)

Sarah França Rocha de Lima (Caixa)

Talita Régia da Silva (Cooperforte)

Vanessa Sobreira Pereira (Caixa)

Wadson Francisco dos Santos Boaventura (BB)

Waldir Fonseca Braga (Caixa)

Washington Henrique da Silva (Itaú Unibanco)

Apresentação

A vez das mulheres

Quando o presidente Lula indicou a então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, para disputar a eleição presidencial, alguns analistas políticos ainda duvidavam que os brasileiros elegeriam uma mulher para o mais alto cargo da nação. Para desapontamento dos pessimistas, Dilma foi eleita com mais de 55 milhões de votos. Sua vitória tem um significado extremamente importante para todas as brasileiras. É uma quebra de paradigma em 121 anos de gestões masculinas à frente da Presidência.

Assim como Dilma, porém em menor proporção, assumi o estimulante desafio de ocupar um cargo de destaque dentro de um universo predominantemente masculino como é o movimento sindical. Desde julho, mês em que foram empossados os novos diretores do Sindicato, coordeno a Secretaria de Imprensa, pasta responsável por toda a área de comunicação da entidade. Outras companheiras, ocupantes de cargos importantes na diretoria, também assumiram desafio semelhante: Fabiana Uehara (Secretaria de Saúde), Louraci Moraes (Secretaria de Assuntos com a Comunidade) e Cida Sousa (Secretaria de Assuntos Parlamentares).

Apesar de ser maioria entre a população brasileira e dos avanços conquistados, a mulher segue com menor inserção no mercado de trabalho e com salário menor que o dos homens, sem contar que tem presença ínfima nos cargos de direção. Esperamos que a presidenta eleita Dilma inverta essa realidade perversa.

É com esse espírito de renovação e novas perspectivas para o nosso Sindicato e o nosso país que lançamos mais uma edição da *Extratos*, que chega ao seu quarto número recheada de reportagens que vão além do universo dos trabalhadores.

Nesta edição, além de uma entrevista exclusiva com o governador eleito do DF, Agnelo Queiroz (PT), você vai encontrar uma matéria sobre os gerentes no papel de algozes e vítimas do assédio moral. Também preparamos reportagem que desmistifica o Conic e outra que alerta sobre o supervírus da aids, variante da doença que atinge 3% dos 190 mil brasileiros soropositivos - entre outras igualmente interessantes.

Boa leitura.

ROSANE ALABY

Secretária de Imprensa

Expediente



Presidente

Rodrigo Lopes Britto
presidencia@bancariosdf.com.br

Secretária de Imprensa

Rosane Alaby

Conselho Editorial

Alexandre Severo, Antonio
Eustáquio, Rafael Zanon e
Rosane Alaby

Jornalista responsável e edição

Renato Alves

Editor assistente

Rodrigo Couto

Redação

Thaís Rohrer, André Shalders
e Pricilla Beine (estagiária)

Projeto gráfico, diagramação e edição de arte

Valdo Virgo

Assistente de arte

Marcos Alves

Webmaster

Elton Valadas

Fotografia

Agnaldo Azevedo

Colaboração

Cícero, Gilmar
Carneiro, Hanilson e
Pedro Tupinambá

Foto da capa

Agência Brasil

Sede EQS 314/315 - Bloco A - Asa Sul - Brasília (DF) - CEP 70383-400

Telefones (61) 3262-9090 (61) 3346-2210 (imprensa) Fax (61) 3346-8822

Endereço eletrônico www.bancariosdf.com.br e-mail imprensa@bancariosdf.com.br

Tiragem 20 mil exemplares Distribuição gratuita

Todas as opiniões emitidas nesta publicação são de responsabilidade da diretoria do SEEB-DF

Sindicato dos Bancários de Brasília





■ Entrevista

O governador eleito Agnelo Queiroz diz em entrevista exclusiva que fará uma mudança radical no GDF

Página 22

■ Editorial

Rodrigo Britto: "O movimento sindical precisa se reinventar sem esquecer velhos princípios"

Página 4

■ Discriminação Racial

Eles ainda são minoria também dentro dos bancos

Página 5

■ Multiplicidade

Desmistificando o Conic

Página 7

■ Espaço Aberto

De tudo um pouco

Página 12

■ Multimídia

Sindicato lança novo site em comemoração aos seus 49 anos

Página 15

■ Saúde e Bem-estar

Reduzir gastos e humanizar a saúde

Página 16

■ Reportagem Especial

A batalha agora é contra o supervírus da aids

Página 18

■ Artigo

O governo de Dilma Rousseff e a agenda da classe trabalhadora

Página 24

■ Assédio Moral

Gerentes na berlinda

Página 26

■ Arte e Diversão

50 anos de história na avenida

Página 29

■ Trabalho e Carreira

Qualificação profissional sim, mas por sua conta

Página 32

■ Campanha Nacional

Movimento regado a intensa mobilização dos bancários

Página 34

■ Além de Bancário, sou...

Registros da vida para a ficção

Página 38



■ Rumo aos 50

Um sindicato de referência nacional

Página 40

■ Unidade dos Trabalhadores

Bancários seguem presentes nas lutas gerais por qualidade de vida e trabalho

Página 42

www.bancariosdf.com.br



O movimento sindical precisa se **reinventar** sem esquecer velhos princípios

Colegas,

As dificuldades que enfrentamos ao longo de 2010 – luta por melhores condições de trabalho, consolidação e ampliação da nossa presença entre os bancários – nos estimulam ainda mais a tornar o Sindicato cada vez mais atuante no dia a dia da categoria. Atípico, o ano que se encerra também contou com importantes eleições – direção do Sindicato, legislativo local e nacional, governadores estaduais e do DF, além da presidência da República.

E os próximos dois anos não serão diferentes. Muitos desafios nos aguardam. A vitória do governador Agnelo Queiroz e da presidenta Dilma Rousseff, primeira mulher a ocupar o cargo mais importante do país, apoiados pelos trabalhadores, nos faz crer em ações positivas. No caso do Distrito Federal, além de reconstruir a saúde pública e concluir as obras inacabadas, é fundamental, por meio de uma gestão séria e comprometida com a população, devolver a autoestima dos moradores da capital federal, brutalmente exterminada com os escândalos de corrupção do DEM.

Mesmo com a eleição do projeto que melhor representa os trabalhadores, o Sindicato manterá sua postura independente e crítica em relação ao GDF e ao governo federal. Não deixaremos de lado, em nenhum momento, as lutas da classe trabalhadora. Nossa missão continuará a mesma: cobrar e lutar pelos direitos dos bancários, mantendo a autonomia e a liberdade sindicais, princípios que norteiam a ação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Capítulo à parte, as campanhas dos bancários, dos cooperativários e dos financiários mostraram que a mobilização atrelada ao diálogo é sim capaz de conquistar importantes avanços para os trabalhadores. Os bancários, por exemplo, depois de intensos 15 dias pressionando os banqueiros, que resultaram no maior movimento dos últimos 20 anos, conseguiram um dos melhores acordos em duas décadas.


50 ações no cinquentenário do Sindicato

Acompanhados de desafios, os próximos dois anos serão históricos para o Sindicato, que completa 50 anos de fundação em novembro de 2011. As comemorações do cinquentenário da entidade, que atinge uma maturidade ímpar, vão durar 24 meses. Iniciam-se em novembro deste ano e findam em 2012. Serão 50 ações de comemorações e de luta em dois anos.

Vítima da censura da ditadura militar (1964-1985) e dos ataques do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), o Sindicato comemora bodas de ouro com imensos desafios. Um deles, talvez o mais emblemático, é a mudança das práticas sindicais sem esquecer velhos princípios. Queremos resgatar diretrizes e adequá-las à realidade. Os bancários novatos no movimento sindical serão peças-chaves nessa renovação.

Em 2010, a eleição da atual diretoria do Sindicato foi marcada pelo ingresso de novos colegas no movimento sindical e pelo cumprimento de cláusula sobre equidade de gênero do estatuto da CUT, segundo a qual pelo menos 30% das diretorias dos sindicatos devem ser compostas por mulheres.

Em nossa diretoria, o sexo feminino ocupa pastas importantes: Rosane Alaby é responsável pela Secretaria de Imprensa; Fabiana Uehara está à frente da Secretaria de Saúde; Louraci Moraes assumiu a Secretaria de Assuntos com a Comunidade, e Cida Sousa ficou com a Secretaria de Assuntos Parlamentares. E, pela primeira vez, temos uma cooperativária fazendo parte da diretoria do Sindicato. Talita Régia veio ampliar e fortalecer a representação dos trabalhadores do ramo financeiro em nossa instituição.

Desejo a todas e a todos um ótimo Natal e um Ano Novo repleto de conquistas. Que em 2011, ano dos 50 anos do Sindicato, os bancários possam realizar 50 sonhos. 

Saudações sindicais.

RODRIGO BRITTO,
Presidente do Sindicato

Eles ainda são minoria também dentro dos bancos

Apesar dos avanços, os negros ainda ocupam parcela insignificante em postos de liderança e são poucos nos grupos com melhor remuneração e qualidade de vida

→ PRICILLA BEINE

A discriminação racial decorrente da escravidão no Brasil não acabou no momento em que a Lei Áurea foi assinada. Esse foi apenas o início de uma luta que continua até hoje: a busca pela igualdade independentemente de raça. Não apenas igualdade de direitos – garantida, teoricamente, pelo artigo V da Constituição Federal – mas também de oportunidades, principalmente no mercado de trabalho.

Com uma realidade que vai da escravidão ao desemprego, apesar dos avanços essa parcela da população continua sendo minoria nos grupos com melhor qualidade de vida e remuneração. Pesquisa divulgada no dia 11 de novembro pelo Instituto Ethos e pelo Ibope mostra que cresceu nos últimos anos a presença de negros no corpo funcional das grandes empresas brasileiras, mas a desigualdade persiste, principalmente em cargos de direção e gerência. Intitulada “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas e suas Ações Afirmativas – 2010”, o estudo, que reuniu respostas de 620 mil empregados de 109 empresas, aponta que, entre 2007 e 2010, a proporção de negros nessas companhias aumentou de 25,1% para 31,1% enquanto a presença de funcionários brancos passou de 73% para 67,3% no período. Já em cargos de direção o avanço foi de 50%: 5,3% de negros estão no comando, segundo a pes-

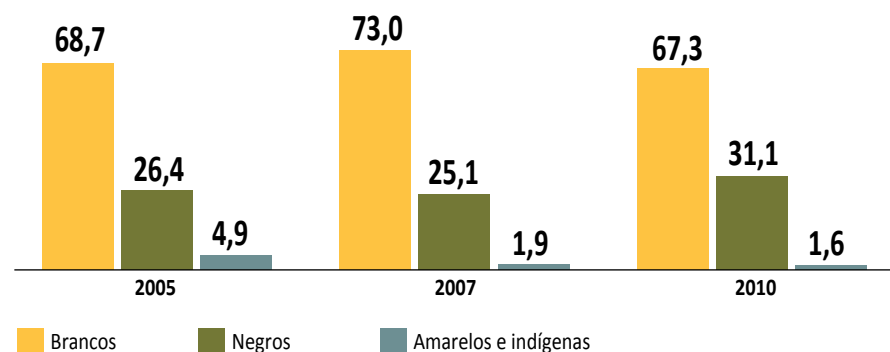
quisa, diante de um índice de 3,5% verificado há três anos. Os diretores brancos representam 93,3% das posições de diretoria – em 2007, a marca era de 94%. Atualmente, a proporção de negros em cargos de gerência e supervisão é 13,2% e 25,6%, respectivamente. Enquanto isso, a presença da mulher negra em posições de chefia é de ínfimo 0,5%.

Mais ainda falta muito. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) revelam que cerca de 60% dos trabalhadores negros têm rendimento mensal de no máximo dois salários mínimos. E mais: eles são a maioria em ramos de atividade com jornada de trabalho maior, com uso inten-

sivo de força física e historicamente com menor proteção previdenciária. Além disso, 55,3% não possuem carteira assinada.

A edição parcial da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) no DF, divulgada em setembro de 2010 pelo Dieese, mostra que a representatividade da população negra economicamente ativa aumentou por aqui. Em setembro de 2009, 65,9% dos negros estavam empregados. Em 2010, esse índice subiu para 67,7%. Mas isso não foi suficiente para mudar o quadro de desemprego desse segmento, pelo menos do ponto de vista local. Em setembro do ano passado, 69,5% dos desempregados eram negros. Em setembro de 2010, o número passou para 71,9%.

Total de funcionários por raça Em %



Fonte: Pesquisa “Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas e suas Ações Afirmativas - 2010”, organizada pelo Instituto Ethos e Ibope

O Mapa da Diversidade, divulgado em 2009, mostra que a realidade do racismo no sistema bancário não é diferente do que acontece no restante do país. Realizado com o apoio dos sindicatos e da Contraf-CUT objetivando a obtenção de dados que ilustrassem a discriminação das minorias dentro dos bancos, a pesquisa revela que apenas 19% dos bancários são negros ante 77,4% de brancos. O restante é ocupado por índios e amarelos. “Geralmente não se vê negros gerenciando, por exemplo. Isso é muito raro. Não podemos dizer que não existem, mas a proporção fica muito aquém se comparado com os brancos”, diz o diretor do Sindicato dos Bancários de Brasília Wadson Boaventura.

A pesquisa confirma o que diz o diretor: apenas 4,8% dos cargos de diretoria e superintendência são ocupados por negros. Já as funções de gerência contam com 14,9% deles; 17% estão alocados em funções de supervisão, chefia e coordenação e 20,6% em atividades funcionais. Boaventura diz ainda que a desigualdade não é apenas racial, mas também de gênero. “Se nós compararmos os números da População Economicamente Ativa e o quadro de funcionários dos bancos perceberemos que existe algo errado: a discriminação de negros e mulheres fica evidente”, afirma Wadson. “No caso das mulheres negras, o preconceito é duplo”.

Dados mais recentes, do Instituto Data Popular, divulgados no primeiro semestre de 2010, apontam que 78% da categoria bancária é composta por homens brancos, 16,7% são pardos e 2,3% negros. Os negros, além de minoria, também amargam os menores salários. Recebem 84% do salário do branco, enquanto a mulher negra ganha 68%. Os cargos de diretoria e superintendência são ocupados por apenas 5% de negros e pardos.

Razões históricas

Mestrando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB), o sociólogo Bruno Moura aponta o preconceito como principal causa para os altos índices de desigualdade em função da cor da pele. “A gente tem uma ideia de que o trabalho dos brancos é para mão branca, sem sujeira. Isso tudo vem de um processo histórico em que o negro era escravo e o branco dava ordens. Ainda existem pessoas que pensam assim”, explica Moura.

Segundo ele, a seleção em profissões cujos cargos de liderança são deixados para os brancos é claramente discriminatória, e



QUANTO MAIOR O ESCALÃO, MENOR A QUANTIDADE DE NEGROS

Bruno Moura

é possível perceber isso analisando os números. “Quanto maior o escalão, menor a quantidade de negros”, constata. De acordo com Bruno, todo grupo dominante tem estratégias para se manter como tal e é isso o que leva, conscientemente ou não, à escolha do branco em preterimento do negro para determinado cargo. Ele diz que, por serem subjetivos, os critérios adotados nos processos de seleção muitas vezes trazem escolhas que a história já fez. “Ver dois currículos iguais e muitas vezes escolher o do homem branco sem estabelecer regras claras de desempate é sim discriminação. E discriminação é crime”, denuncia.

Segundo Moura, a diferença do Brasil é que nunca se quis reconhecer a segregação

social porque a sociedade foi criada segundo os valores da sociedade europeia. Ele explica que a discriminação nada mais é do que maneiras de diferenciar pessoas de acordo com o que vale mais a pena, o que é mais prezado. “E o que a sociedade diz com isso? Diz que o valor de trabalho do negro não é tão significativo quanto o do branco”, explica. “Nós sabemos que isso não é verdade e por isso têm surgido tantos manifestos contra esse preconceito”, completa.


Bancário há 33 anos, Hélio Gregório da Silva confirma as informações do sociólogo. Segundo Hélio, que é negro, o tratamento desigual pode ser percebido claramente na ocupação de cargos de confiança, postos do alto executivo e todos os níveis de gerência. Depois de 29 anos na função de gerente de módulo, no início de 2010 ele foi rebaixado a escriturário e garante que a ação é fruto de racismo.

O bancário conta que a perseguição teve início em 2007 com a entrada de um novo supervisor. “Já na hora de se apresentar o gerente recém chegado se dirigiu a mim perguntando: então você que é o sindicalista da agência? A partir daí eu comecei a ser hostilizado e três anos depois rebaixado de função”. Ele credita a perda da função ao fato de ser negro. “Na minha concepção isso configura sim discriminação racial e perseguição por ser sindicalizado”. Hélio defende o sistema de cotas, porque, além dos negros, mulheres e deficientes também encontram dificuldades para subir na carreira.

Ações sindicais

Para combater essa realidade o movimento sindical vem exigindo, desde 1996, que o tema igualdade de oportunidades seja discutido nas negociações com os bancos. A finalidade é acabar de uma vez por todas com qualquer tipo de discriminação e exclusão nos locais de trabalho.

Diretor do Sindicato, Eduardo Araújo aponta como solução para o problema a adoção de políticas de formação e afirmação. Ele explica que os bancos aceitam discutir a questão, mas nunca estão dispostos a colocá-la em prática. “Os negros e as pessoas com deficiência já saem em desvantagem. É necessário que os bancos ofereçam possibilidades para que a competitividade possa ocorrer em pé de igualdade”, sugere.

Outra alternativa, continua ele, é a adoção de cotas no processo seletivo interno, o que daria às minorias mais possibilidade de ascensão na carreira e estabeleceria processos claros de competição. 



Como agir em caso de discriminação

A advogada Patrícia Brandão orienta que, em casos de calúnia racial, o primeiro passo a ser dado é o registro de uma ocorrência policial. Ela explica que, por se configurar ação civil privada, é necessário que primeiro haja a manifestação do ofendido para que então o Estado possa se movimentar. “Depois de registrada a ocorrência serão apurados os elementos de prova para o processo começar em juízo”, esclarece.

Desmistificando o Conic

Plantado no centro da cidade, o Setor de Diversões Sul passa despercebido de muitos brasilienses. Saiba o que é, de onde veio e para onde vai esse lugar que é a síntese de Brasília

Foto: André Shalders

→ ANDRÉ SHALDERS

Descendo pelo Setor Comercial Sul, é impossível não notar. Cartazes de cores, propósitos e tendências políticas diferentes se enquadram de forma aleatória na moldura urbana descuidada do prédio, tendo por fundo o panorama governamental da Esplanada. Em frente à entrada, estende-se uma pracinha degradada, a qual pouca gente elege como seu lugar de descanso. Mais abaixo, no térreo, vê-se um restaurante chinês que faz esquina com a sede da CUT-DF. Estamos falando do Conic, o nome popular atribuído ao Setor de Diversões Sul, o SDS.

De onde veio o nome?

O SDS foi inaugurado oficialmente em 1967, antes do Conjunto Nacional e só um pouco depois de Brasília. Uma das construtoras responsáveis pela obra, a empresa pernambucana Conic, resolveu colocar uma grande placa com seu nome voltada para a Rodoviária. A sigla, abreviação de “Cia. de Construção, Indústria e Comércio”, foi adotada pelas massas como nome para todo o setor. Além da Conic, outras grandes incorporadoras da cidade participaram da construção do prédio, incluindo Antônio Venân-

cio, o grupo Baracat, pertencente à família homônima, e o empresário Karim Narrote.

Antônio Venâncio da Silva era um lavrador cearense, semi-analfabeto, que chegou a Brasília em seus inícios, já tendo enriquecido em negócios anteriores. Aqui, converteu-se num dos maiores empreiteiros da cidade e ampliou sua fortuna. Deixou um patrimônio de cerca de R\$ 500 milhões, ao morrer em 1997. O velho Venâncio buscou eternizar sua fama também no Conic, nomeando uma série de prédios no conjunto. Na parte voltada ao Setor Hoteleiro Sul, se enfileiraram os edifícios Venâncio I, Venâncio II, e assim por diante, até o Venâncio VI. Perto dali, no início da W3 Sul, a contagem de Venâncio perde as estribelhas, saltando direto para os edifícios Venâncio 2000 e 3000.

Como na maioria dos prédios do início de Brasília, o investimento para a constru-

A TERRACAP ATÉ HOJE É DONA DE 40% DOS IMÓVEIS NO SETOR DE DIVERSÕES SUL

O MOMENTO É DE ASSUMIR O LADO MARGINAL DO CONIC. ESSA PARTE AQUI DO CENTRO É O PEDAÇO DE METRÓPOLE QUE EXISTE EM BRASÍLIA, NÃO TEM COMO EXTIRPAR ISSO

*Natinho
Comerciante e artista*

ção do SDS foi fornecido pela Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap). Até hoje, a companhia é dona de cerca de 40% dos imóveis no local. Como se descobriria mais tarde, conversando com a prefeita comunitária do SDS, nem mesmo esse interesse econômico foi suficiente para levar o GDF a realizar reparos ou melhorias nas áreas comuns do setor. Por isso, o relativo cuidado das lojas contrasta com a degradação das praças e corredores.



Fotos: André Shalders e Agnaldo Azevedo

Artes, sauna, baladas

Um mix de literatura, política, música e moda

Deixando o subsolo, chega-se a um pátio interno, ladeado de lojas, bares, restaurantes e até salões de cabeleireiros. Ali no meio, em frente a um posto policial desativado, uma figura simpática conversa com clientes em meio a estantes repletas de livros. É Ivan Presença, livreiro e dono do Quiosque Cultural. Trata-se de um sebo que desenvolve várias atividades, como o “Poesia de Segunda”, um sarau, promovido pelo Ivan e pela editora Thesaurus, que publica autores alternativos de Brasília. Pela variedade e personalidade, o quiosque de Ivan se distancia do modelo dos “supermercados de livros” presentes nos shopping centers.

Enquanto conversava com Ivan, vários clientes e alguns autores vieram cumprimentá-lo. “O público que existe aqui é o mais variado possível. Vários escritores da cidade têm o costume de passar por aqui”, conta ele. Em meados de agosto, por exem-



Chego ao Conic por volta das 13h. De cara, encontro uma dupla conversando em frente à Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Uma mulher de meia idade e um jovem de vinte e poucos anos. Trata-se de Celeste da Silva, funcionária antiga da instituição, e Paulo Vidal, estudante de artes cênicas. “Quando eu comecei a trabalhar aqui, eu nem podia falar que trabalhava no Conic [risos]. Isso foi em 1983. Já havia a Faculdade, e a estrutura já estava toda construída. Mas o comércio não era tão variado, não havia esse monte de coisas que temos hoje. Não havia igrejas, por exemplo, e o comércio era bem mais restrito”, proseia Celeste.

A Dulcina de Moraes está presente no Conic desde 1982. Nos intervalos das aulas ou dos espetáculos teatrais do Teatro Dulcina, fica visível a importância da Faculdade para o Setor. Os estudantes e o respeitável público se integram harmoniosamente na vida do lugar. “A Dulcina acaba atraindo um público bem grande e diferenciado aqui para o Conic. No fim do semestre, sempre acontece o Mostra Dulcina, com apresentações dos trabalhos que os alunos criaram durante o semestre. É um evento que atrai bastante gente. E os próprios alunos acabam gerando um movimento importante para o comércio”, conta Paulo.

Celeste costuma participar da organização da Mostra Dulcina. “Além dessa mostra, os próprios comerciantes do local fazem eventos para atrair público para o Conic. Tem muitos anos que essas iniciativas existem”.

Sigo minha caminhada. Logo atrás do

“O MAIS LEGAL DO CONIC É QUE ELE É O GRANDE CENTRO DA CULTURA ALTERNATIVA EM BRASÍLIA

Camilo Neres

Dulcina e do Café Eldorado há um corredor tomado por jovens e seus skates, em frente a uma loja de roupas, equipamentos e acessórios para o esporte, chamada Fun House. Aproveito para puxar conversa com um deles. “O mais legal do Conic é que ele é o grande centro da cultura alternativa em Brasília. Ele atrai também pessoas que não são bem-vindas. Mas de forma geral, a criminalidade aqui já foi bem pior. Eu frequento o Conic há bastante tempo, mas trabalho aqui há cinco meses, como vendedor. Nunca tive problemas”, afirma Camilo Neres, que trabalha na mesma Fun House.

Ali ao lado, uma escada de aspecto sujo é adornada por um anúncio luminoso em forma de seta que diz “Thermas”. De frente para a escada, uma placa amarela anuncia outra atração do lugar: o Espaço Galeria. Descendo as escadas, chega-se a um corredor curto. De um lado, uma casa de sauna (na certa, as tais “thermas”), proibida a menores de 18 anos e adornada por uma miniatura em gesso do David, de Michelângelo, ao lado da porta. Do outro, um almoxarifado confuso, parecendo os fundos de um restaurante. Ao fundo fica o Espaço Galeria propriamente dito, que depois das 22h se torna uma das boates alternativas mais vibrantes de Brasília, frequentada principalmente pelo público GLS. O lugar convive em paz com as lojas e com duas igrejas evangélicas.





plo, o Quiosque Cultural fez o lançamento do livro *Conic: Um detetive, playboys e marginais*, de Alencar Soares de Freitas. O livro narra as noitadas, a criminalidade e a vida no Conic dos anos oitenta, quando o autor, assim como o protagonista da obra, o detetive Pedro Lamas, tinha um escritório no SDS. O próprio Ivan começou a trabalhar como livreiro no Conic no início da década de 1980. “De certa forma, é um registro do que nós vivemos aqui no Conic naquela época. Era um contexto muito maluco, mas que deixa muita saudade também”, conta.

Na parte de trás do prédio, chama a atenção a grande concentração de sedes de partidos políticos, sindicatos e associações variadas, alojadas nos prédios do velho Venâncio. Fentect, Fenasps, Sindmetrô, SindPD, Sindaqua, Sindicato dos Rodoviários, Sindicato dos Vigilantes. E também a sede da CUT-DF e o diretório regional do Partido dos Trabalhadores. Pode-se dizer que a esquerda do Distrito Federal, ou uma parte dela, marca presença pelos corredores do Conic.

No fim de 2009 e início de 2010, a sede do SindMetrô, na cobertura do edifício Venâncio IV, foi uma das principais trincheiras do Movimento Fora Arruda e Toda a Máfia. Decisões importantes do movimento, como a ocupação da Câmara Legislativa do DF, foram tomadas durante longas reuniões, madrugada adentro, no espaço cedido por aquele sindicato.

A SIGLA “CONIC” É A ABREVIÇÃO DE “CIA. DE CONSTRUÇÃO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO”

Seguindo indicações da Celeste, vou até a Negro Blue. Lá me encontro com Raimundo Nonato, o Natinho, um dos donos da loja e também da Verdurão, antiga Desacato. Natinho acredita que o momento é de “assumir o lado marginal do Conic. Essa parte aqui do centro é o pedaço de metrópole que existe em Brasília, não tem como extirpar isso. Queremos assumir nossas raízes”, define Natinho.

Durante a nossa conversa, Natinho chamou a atenção para a grande concentração de artistas no Conic. Ele próprio, o Nonato Dente de Ouro, é músico, e sobe ao palco com seu Esquadrão de Ébano. O vendedor da loja também toca. “Aqui, se você colocar uma lupa, é impressionante a quantidade de artista por metro quadrado. O meu sócio, o Pil [Luís Henrique] também é músico, da Lucy and the Popsonics”, comenta ele. Enquanto a conversa flui, mais um artista se junta a nós: Evandro Vieira, músico de

hardcore, da banda Quebra Queixo, e autor de um livro de memórias da cena em Brasília, chamado *Esfolando Ouvindos*, lançado em 2006. “Evandro Esfolando. Pode anotar aí”, brinca Natinho.

O músico e comerciante conta como era a cena nas antigas. “Isso aqui já foi o centro da night fodida mesmo, lá nos anos sessenta. Era o centro da vida noturna, cheio de embaixadores e o escambau. Mas aí o tempo foi passando e o Conic foi ficando para trás”. Logo depois de inaugurado, o Conic serviu de sede provisória para várias autarquias e embaixadas, atraindo um público de alta renda e centralizando a ainda incipiente vida social e noturna do DF. Com a mudança destas, o lugar decaiu rapidamente.

Os comerciantes, entretanto, não ficaram esperando de braços cruzados. As iniciativas para valorizar o Conic persistem no tempo. “Havia uma época em que aqui bombava no sábado. O povo fluía naturalmente para cá. Foi a época do Mercado Central, por exemplo, que nós organizamos trazendo alguns shows e eventos, e organizando esquemas de promoções entre as lojas. Antes ainda do Mercado Central, rolava uma feira de trocas chamada *Eskambau*. Tem uma parte dos comerciantes daqui que é muito mobilizada. São essas coisas que não deixaram a parada morrer”, lembra Natinho.





Fotos: André Shalders e Agnaldo Azevedo

Com a prefeita

Deixo a Negro Blue disposto a conversar com a prefeita comunitária do SDS, Flávia Portela. Além de me dar o endereço da sala da prefeitura, Natinho advertiu sobre a agenda puxada da moça. Chegando à sala da prefeitura, sou recebido por uma secretária. Quando me preparava para sair, Flávia chega. “Olha, posso conversar contigo, mas vai ter que ser no caminho para uma outra reunião”, diz ela enquanto dá algumas instruções apressadas para a secretária.

Flávia é prefeita comunitária do Setor de Diversões Sul desde 2003. Ela conta que, no início do mandato, enfrentou algumas dificuldades para ser respeitada pelos condomínios. “A administração do SDS nunca foi centralizada. Tivemos que mexer em algumas coisas, regulamentando por exemplo a colocação de outdoors no edifício, para que os condomínios reconhecessem a nossa atuação”.

A ausência de uma administração centralizada ajuda a explicar as diferenças entre o Conic e o restante dos centros comerciais do DF. Geralmente, os shoppings se organizam em um único condomínio, controlado pela empresa responsável pela manutenção do shopping. É o caso do Pátio Brasil (controlado pelo grupo Baracat) e do Conjunto Nacional. Já no Conic, os quinze prédios que compõe o SDS se organizam em treze condomínios diferentes, e apenas uma parte deles contribui financeiramente com a prefeitura comunitária, que está longe de centralizar toda a tomada de decisões no setor. De certa forma, é essa descentralização que evita que o Conic assuma a aparência pasteurizada comum aos demais centros comerciais.

“A AUSÊNCIA DE UMA ADMINISTRAÇÃO CENTRALIZADA EXPLICA AS DIFERENÇAS ENTRE O CONIC E OS DEMAIS CENTROS COMERCIAIS

Apesar das dificuldades, a prefeitura vem trabalhando para resgatar o valor do Conic e inseri-lo na vida da cidade. “Não gosto do termo revitalização, pois passa a ideia de que o lugar não tem vida. E o Conic é cheio de vida. O que nós estamos fazendo, num processo amplo, é uma readequação do SDS. O objetivo é que a comunidade possa usufruir desse lugar em todo seu potencial, que sem dúvida é enorme”, afirma ela.

Para atingir esse objetivo, a prefeitura realiza ações de conscientização dos proprietários, alertando-os para o valor simbólico e mobiliário do local. Em meados desse ano, a CVI [Comissão de Valores Imobiliários] divulgou um levantamento mostrando que o Conic é uma das áreas que mais se valorizam na cidade. De alguns anos para cá, o índice de vacância dos imóveis também caiu bastante, e hoje quase não se veem lojas vazias.

A comunidade também considera muito importante a ida de uma base da Polícia Militar para o Conic. Até o início de 2008, havia uma delegacia da Polícia Militar dentro do SDS, ali em frente à Negro Blue, no prédio que Natinho chama de “o alvoradilha”, devido ao formato das colunas. Ao

Menores consomem crack durante o dia no subsolo do Conic



ser desativado, o posto foi transferido para o antigo prédio do Touring, em frente ao Conic. Além da PM, o antigo Touring abriga uma série de outros órgãos públicos ligados à área de segurança.

A principal reclamação é sobre a falta de investimentos do GDF na infraestrutura do setor. “Todas essas áreas comuns do Conic, como a Praça do Povo, são públicas. É muito difícil convencer os proprietários a investir na reforma desses lugares, até porque é um investimento alto. E o GDF, que deveria ser o maior interessado, não investiu um centavo aqui desde que eu assumi a prefeitura”, comenta a prefeita. Circulam pelo SDS, diariamente, uma média de 150 mil pessoas. Outras dez mil trabalham no local, tanto no comércio quanto nas salas de escritórios. Me despeço de Flávia ao chegarmos no Café Eldorado, onde uma pessoa a espera para uma reunião.

O Eldorado está presente no Conic há 16 anos, mas remete à atmosfera glamourosa dos primeiros anos do setor. Não é difícil encontrar um público educado e elegante por lá, vendo o pôr do sol refletido nos mistérios logo abaixo.





turno da noite

Com a noite chegando, observa-se uma mudança no público da passarela em frente ao Conic. Algumas lojas começam a fechar suas portas, os fiéis começam a chegar para o culto das 18 horas. Os moradores de rua também começam a marcar presença. Me aproximo de um obreiro da Igreja Universal do Reino de Deus. Diante de um balcão de madeira, ele se oferece para inscrever o nome das pessoas no livro de orações do culto. Pergunto a ele se os fiéis não ficam ressabiados de frequentar o Conic. “Foi-se o tempo de Conic perigoso...O Conic hoje é uma benção, rapaz. Nós consideramos o Conic hoje uma benção de Deus”.

Como última parada, vou até o posto policial no antigo Touring. Alguns detalhes mantêm o aspecto macabro do lugar, como o rolo de arame farpado em cima da caixa d'água. No mesmo prédio, funcionam um posto da Polícia Civil e um da Polícia Militar, além do Conselho Tutelar. Há postos também da Secretaria de Saúde, da Secretaria de Serviço Social e da Vara de Infância e Juventude. “É todo um pólo de atendimento social montado aqui, não apenas de repressão”, explica Luiz Araújo, policial civil que trabalha no local.



O policial confirma a informação da prefeitura, de que o Conic é hoje um dos locais menos violentos na zona central da cidade. “Por exemplo, o Conic há anos não registra nenhum caso de homicídio, ao contrário do Setor Comercial Sul. Os delitos mais comuns são os furtos, os pequenos estelionatos e o consumo de drogas. De uns tempos para cá, a vida dessas pessoas na zona central de Brasília passou a girar em torno do crack, que traz toda uma gama de problemas associados. O consumo de crack aumentou muito por aqui”, diz o policial.

Antes da instalação do posto policial, o próprio Touring era um local de consumo de drogas e prostituição. Luiz conta como foi o trabalho da repressão no Conic logo após a instalação do posto. “A Polícia Civil fez um trabalho no Conic, junto com a Agefis [Agência de Fiscalização do GDF], de fiscalização dos estabelecimentos comerciais. Então, vários estabelecimentos como boates, bares etc., que não possuíam alvará de funcionamento, ou estavam com os alvarás vencidos, foram expurgados do lugar. Acredito que isso contribuiu para a diminuição da criminalidade aqui”, acrescenta o policial.

No Touring existem apenas postos avançados da Polícia Civil e da PM. A delegacia de polícia responsável pela região central de Brasília é a 5ª DP, no Setor Bancário Norte. Ela promoveu, em agosto, a operação Lei e Ordem, destinada a combater a exploração sexual infantil e o tráfico de drogas em toda a zona central de Brasília. Entre outros lugares, as batidas policiais abarcaram o Setor Comercial Sul, o Conic e o Setor Bancário Sul. Este último é considerado pela autoridade policial como lugar problemático no tocante ao tráfico de drogas ilícitas.

Poema Manifesto

*Do Hip-Hop, Ragga, Rock
Ska, Skate, Grafite
Cinema, Chorinho
Arte Urbana, Bagana
Almanaque, Manaque, Conhaque
Conic, Coca, Cocô com Crack
Sakura cura Ressaca
Go! Saaka
Makossa... ssa ssa ssa
Menina da Criolina
Aperta a cintura fina
Que da cultura Sound
System de Brasília
Eu sinto fome...
Se for pra falar nome então tome
Sindicato sem nome
Da Bomb, Confronto, Mutirão
Ninão, Jamaica, Chocolate,
Barata e Pezão
Não tem Contra-Indicação
Efeito Colateral que cola aqui
Na lateral do Coração*

POR RAIMUNDO NONATO, O NATINHO

Deixo o posto da PM lá pelas 19h. Antes de ir embora, resolvo tomar um açaí. Escolho um restaurante charmoso chamado Ric-Filet, na passarela do Conic. Mal entro, me deparo com uma figura excêntrica, de barba longa, camisa aberta mostrando os muitos pingentes a adornar o pescoço. Usa uma boina e óculos escuros. Enquanto espero o açaí, o sujeito começa a cantar uma música, acompanhada pelo repique de um pandeiro que ele tem nas mãos.

Rildo Dias de Oliveira é compositor, de nome artístico Bim da Paz. Ele mostra uma carteirinha plastificada da Ordem dos Compositores do Brasil, depois de se apresentar, como que para confirmar o que diz. “Elegi esse lugar como meu escritório. O sr. pode me encontrar aqui quase todo o dia, nem precisa marcar horário”, diz Rildo, compositor de samba.

Tendo por plateia os garçons e os clientes do restaurante, Rildo canta um samba, cujo enredo fala sobre chamar o cantor Roberto Carlos para tomar uma cerveja ali no SDS. Os artistas, pastores, comerciantes, sindicalistas, enfim, toda a diversidade do Conic estende o convite de Rildo: sejam todos bem-vindos. 📺

Por ano, metade da população do DF passa pelas feiras para comprar, comer, conversar. É onde os movimentos sociais enxergam um ambiente propício para suas manifestações. Um espaço por excelência de convivência, histórias e lutas

De tudo um pouco

→ THAÍS ROHRER

Um mix de gastronomia, produtos diversos, histórias e culturas. São assim as feiras do Distrito Federal, onde é possível encontrar um pouco de tudo, de eletrônicos à comida tradicional nordestina. Com tantas variedades, também é eclético o público frequentador, que lota esses locais. Milhares passam pelas 64 feiras e shoppings populares distribuídos pelas regiões administrativas de Brasília. Levantamento do Sindicato dos Feirantes do Distrito Federal (Sindfeira-DF), aponta que, em média, de 40% a 50% dos brasilienses passam pelas feiras anualmente – os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apurados em 2009 confirmam: 1,3 milhão de pessoas visitam esses locais, ou seja, quase metade da população do DF.

O presidente do Sindfeira-DF, Francisco Valdenir, explica por que tanta gente passa pelas feiras, independente de classe social. Ele é feirante desde 1973 e conta que o atrativo desses lugares não é só o preço mais acessível mas também é onde se encontram diversos tipos de comida e os clientes podem frequentar sem se preocupar com etiqueta. “As pessoas não têm tantas ‘proibições’ sociais nas feiras e, por isso, se vestem e agem



com mais liberdade”, argumenta Francisco.

As características das feiras refletem a miscigenação de Brasília, contam a sua história por meio de pessoas de diferentes regiões que trabalham ali vendendo produtos os mais variados. João Casemiro de Souza tem 80 anos e trabalha na Feira do Guará desde a inauguração. Ele conta que foi testemunha de momentos importantes da cidade durante a vida na feira. “Muita gente passa por aqui, por isso é uma oportunidade de contato com pessoas de diferentes lugares e idades. Já vi muita movimentação por aqui”, conta.

O feirante veio da Paraíba para o Planalto Central no tradicional pau-de-arara e aos 12 anos já estava na atividade que exerce até

“
AS PESSOAS
NÃO TÊM TANTAS
'PROIBIÇÕES'
SOCIAIS NAS
FEIRAS E, POR
ISSO, SE VESTEM E
AGEM COM MAIS
LIBERDADE



hoje. Criou os oito filhos trabalhando nas feiras populares com a ajuda da esposa Lourecita de Souza. Passou por quatro lugares no Guará até ser transferido para o espaço onde se consolidou a feira. “Agora o cansaço da idade tem me atrapalhado um pouco, mas eu gosto de trabalhar aqui porque é tranquilo e acabo conversando um pouco com os clientes e me distraíndo”, relata João.

Também na Feira do Guará conhecemos a paraense Zenaide Rosas, 60 anos, há 16 no local. A tradição e cultura de Belém do Pará não foram esquecidas e se tornaram o objeto de trabalho da feirante, que vende os produtos típicos daquela região: açaí, tucupi, jambu, bacuri, cupuaçu.

Foi à custa de muito esforço que Zenaide conseguiu comprar o estande na feira este ano. Antes de se firmar como comerciante no local foi camelô em outras regiões do DF. “Eu escolhi essa profissão e gosto muito do que faço. É ótimo conversar com gente diferente, ter contato com as pessoas”, ressalta a paraense.

Na feira também são construídas amizades que perduram por anos. A professora Eugênia Torres conheceu a feirante Rosalina Neves em uma das idas à Feira Central de Ceilândia há alguns anos. Eugênia se tornou cliente fiel da loja de roupas de Rosalina e hoje as duas são comadres. “Hoje somos confidentes. Eu até entreguei meu filho João para Eugênia batizar”, declara Rosalina.

**DE 40% A 50%
DOS BRASILIENSES
PASSAM PELAS
FEIRAS
ANUALMENTE**



Contraponto

Mas nem tudo são flores nas feiras e comércios populares de Brasília. Alguns locais enfrentam sérios problemas, como é o caso do Shopping Popular, localizado ao lado da Rodoferroviária. O lugar foi inaugurado com pompa há dois anos pelo governo Arruda, mas hoje registra movimento baixíssimo. “Estou aqui para não perder meu ponto porque os clientes não aparecem. Se eu não ocupar o local, o governo pode tirá-lo de mim. É desperdício não ser bem utilizada essa estrutura”, conta Célia Maria Carvalho, dona de uma loja na área central do Shopping Popular. Ela foi umas das primeiras a serem sorteadas para ocupação de box no local. Conta que muitos colegas venderam o espaço ou voltaram para o comércio irregular nas ruas.

A construção do Shopping Popular tinha o objetivo de acabar com o comércio ilegal dos ambulantes que trabalhavam nas áreas próximas à rodoviária do Plano Pilo-

to e ao Setor Comercial Sul. A obra custou R\$ 21,2 milhões ao Governo do Distrito Federal (GDF) e os camelôs arcaram com a despesa para construção de cada box, ao preço de R\$ 5 mil. Apesar de todo esse investimento do GDF, que resultou num estacionamento coberto para 1000 carros e acesso para os deficientes, o local está sem consumidores e com aproximadamente 40% das lojas fechadas. “Nós estamos retomando a divulgação do Shopping Popular junto à população e fiscalizando as irregularidades de venda dos boxes”, comenta Jorge Braga, administrador do Shopping. Muitos comerciantes acreditam que com divulgação o Shopping Popular tem potencial para se tornar um pólo de vendas importante no DF.

Extratos visitou o Shopping Popular e a Feira dos Importados na mesma tarde e percebeu a diferença no movimento de clientes. Desde 1997 Miguel Feitosa trabalha na Feira dos Importados, também conhecida como

Venda ilegal de boxes no Shopping Popular

Um esquema de venda irregular de boxes no Shopping Popular está sendo investigado pela Polícia Civil. Dois ex-servidores do Governo do Distrito Federal foram presos na primeira quinzena de novembro. Eles estão sendo acusados de venda e repasse irregular de boxes. Entre os acusados de fazerem parte da fraude também estão o presidente da Associação dos Vendedores Ambulantes do Shopping Popular (Asshop), Caio Alves Donato, a vice-presidente da Associação do Shopping Popular, Marialva Rocha da Silva, e Edmárcia de Albuquerque Cardoso, presidente da Associação dos Feirantes, Ambulantes e Comerciantes do DF.

“Feira do Paraguai”, e conta que a persistência dos feirantes é que atraiu os clientes. “No início, os camelôs não queriam vir para cá, muito menos os consumidores. Foi muito tempo com movimento ruim: eu chegava [num dia] a atender uma ou duas pessoas, mas a persistência é tudo. Teve muita gente que vendeu o box muito barato e se arrepende até hoje”, revela Miguel, dono de uma loja de artigos esportivos.

Feiras como palco de lutas


Espaço de relatos de vida, mas também de histórias de luta. Principalmente em função da capacidade de reunir um grande número de pessoas, dos mais diferentes lugares, perfis e estratos sociais, as feiras também são vistas pelos movimentos sociais e sindicais como o espaço ideal para dar visibilidade às suas demandas.

O Sindicato dos Bancários de Brasília também fez e faz das feiras seu palco de manifestações, de que é prova a histórica campanha encabeçada em 2008 pela entidade contra a ameaça de privatização e em defesa do BRB como banco público e do DF. À época, o Sindicato esteve em várias feiras com o objetivo de conversar com a população e colher assinaturas contra a possível venda do banco. “Com apoio de parlamentares e a contínua mobilização da categoria, o Sindicato implementou essas ações de massa, visando esclarecer a população sobre o erro que seria cometido com



a privatização”, afirma o secretário-geral do Sindicato, André Nepomuceno. “As pessoas apoiaram e contribuíram com o abaixo-assinado contra a privatização, que depois foi entregue ao então governador em exercício, Paulo Octávio”, complementa André.

No início de 2010, as atividades do Movimento Contra a Corrupção pelo impe-

achment do então governador do DF, José Roberto Arruda, e seu vice, Paulo Octávio, incluíram visitas à Feira Central de Ceilândia e a Feira do Guará. O movimento teve o apoio da Central Única dos Trabalhadores do DF (CUT-DF) e lutou pela cassação dos parlamentares envolvidos no esquema de propinas no GDF. 



Sindicato lança novo site em comemoração aos seus 49 anos


Para marcar seu aniversário de 49 anos, o Sindicato lançou no dia 23 de novembro, data da sua fundação, sua nova página na internet, totalmente reformulada. Com layout mais interativo, o site está valorizado com mais imagens e um slide show de notícias para otimizar a área nobre – agora com até seis matérias. O endereço, porém continua o mesmo: bancariosdf.com.br.

O contato direto com os associados será mantido através da área “Serviços aos

associados”, onde será possível realizar a atualização de dados pessoais, inscrição em cursos de formação, solicitação de 2ª via de carteirinha e informações sobre biblioteca (Cedoc), além de descontos no Teatro e em eventos culturais.

O link “Convênios” foi valorizado e agora mostra as novas parcerias e as promoções das empresas conveniadas ao Sindicato. Nesta área, o associado poderá preencher um formulário para se cadastrar e receber clipping de novidades e promoções dos nossos parceiros.

Também foram reformulados os links “Institucional” e “Cultura”. O primeiro apresentará foto e e-mail de contato, além de mini-currículo de toda a diretoria do Sindicato. O segundo dá destaque à programação do Cineclube Bancário e, em seguida, à programação geral do Teatro.

Para estreitar a comunicação com a categoria, o Sindicato também está inserido nas redes sociais e o novo site traz os links para acesso ao twitter, orkut, facebook e youtube, disponíveis em menu. 

Reduzir gastos e humanizar a saúde

Bem-sucedido na Holanda, na Espanha, no Canadá e em Cuba, o modelo baseado na medicina preventiva ainda encontra dificuldades para se consolidar no Brasil

→ ANDRÉ SHALDERS

A má qualidade do atendimento à saúde tanto no Distrito Federal quanto no restante do Brasil é de conhecimento geral. Tanto que, durante a corrida presidencial deste ano, o tema foi um dos mais debatidos pelos candidatos. Em âmbito local, o governador eleito Agnelo Queiroz chegou a dizer, durante um debate televisivo, que ele próprio seria o secretário de Saúde do DF. Recentemente, as UTIs do Hospital de Santa Maria chegaram a parar de receber novos pacientes por conta de atrasos nos pagamentos do GDF. A notícia causou comoção entre a população.

Parte do problema se deve ao investimento ainda insuficiente em saúde executado pelo estado. Do Orçamento Geral da União para 2009, apenas 4,64% foram investidos na área, o equivalente a pouco mais de R\$ 50 bilhões, segundo dados do Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal (Siafi). Desse montante, cerca de 70% destinam-se aos hospitais, que tratam pacientes que já adoeceram e que precisam de procedimentos complexos (e caros) e tratamento intensivo. Em países que oferecem melhores cuidados à saúde de seus cidadãos, como a França, esse percentual destinado aos hospitais gira em torno de 40% dos gastos.

Uma alternativa possível a esse modelo baseado na medicina curativa é a chamada atenção primária à saúde (APS), que consiste num acompanhamento constante e individualizado das pessoas por parte dos médicos e assistentes sociais, com o objetivo de identificar e prevenir o adoecimento. Por esse motivo, a APS é também conhecida como medicina preventiva. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) conta com



NO MUNDO TODO, CERCA DE 85% DOS PROBLEMAS SÃO RESOLVIDOS POR UNIDADES DE SAÚDE DA FAMÍLIA

Oscarino Barreto Júnior

a Diretoria de Atenção Básica (DAB), que trata especificamente disso. Segundo a DAB, existem hoje 31 mil equipes de Saúde da Família atendendo mais de 90 milhões de pessoas no país. Ainda segundo dados da DAB, mais de 50% dos brasileiros estão cobertos pela Estratégia Saúde da Família, tanto no sistema público quanto no privado.

“A principal dificuldade está na cobertura dada pelos municípios. Como a gestão do sistema de saúde é municipal, há cidades do país com 100% da sua população coberta e há outras com menos de 5% dela assistida pela Estratégia Saúde da Família”, afirma Oscarino Barreto Júnior, diretor da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade (SBMFC).

Prevenir é melhor do que remediar

A maior parte dos esforços de atenção primária à saúde, no Brasil, está concentrada no SUS, embora existam experiências na iniciativa privada. “Historicamente, nosso modelo de saúde é inspirado no dos Estados Unidos,

que têm como característica o foco nos hospitais e a atenção fragmentada ao paciente, que é tratado isoladamente por vários especialistas. Esse modelo é hegemônico também no Brasil. Entretanto, vários países do mundo já perceberam que esse é um modelo ineficiente e fizeram opção pelo modelo de APS, como é o caso da Holanda, da Espanha, do Canadá e de Cuba, entre outros. E os resultados acabam sendo melhores, a um custo mais baixo”, afirma Hênio Braga Júnior, gerente da unidade do DF da Cassi, a Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil.

No Brasil, o SUS adota a estratégia de APS como um princípio orientador de sua ação. Essa prioridade foi definida durante a Assembleia Nacional Constituinte de 1988, que formatou a atual Constituição Federal. Assim como a própria criação do SUS, a preferência pela atenção primária foi articulada no seio do movimento pela Reforma Sanitária, que emergiu no país após a ditadura militar.

Apesar de não hegemônica, a adoção das políticas de atenção primária à saúde traz inúmeros benefícios à população. “Imediatamente verificou-se uma redução nas mortalidades infantil e materna, como também nos casos de agravos provenientes de doenças crônicas como hipertensão e diabetes. O mais importante é que esse modelo propicia uma assistência mais humanizada, com acolhimento qualificado e maior resolução dos problemas de saúde. No mundo todo, cerca de 85% dos problemas são resolvidos nas Unidades de Saúde da Família”, aponta Oscarino.

Entretanto, até hoje o Brasil ainda não conseguiu realizar totalmente sua transição para um modelo que dê prioridade à atenção primária. “Há que se ver que esse modelo hegemônico hoje, chamado de modelo biomédico, mobiliza muitos interesses econô-

micos poderosos, como os da indústria farmacêutica e os das empresas que produzem equipamentos. Por isso, implementar uma mudança é bastante difícil. Um dos efeitos da atenção primária é justamente a racionalização nos gastos com medicamentos e intervenções”, comenta Hênio.

A experiência da Cassi

A Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil (Cassi) foi criada em 1944. A entidade passou a adotar o Modelo de Atenção Integral à Saúde desde 1996 e pratica a Estratégia Saúde da Família desde 2003. Atualmente, a unidade do Distrito Federal da Cassi atende cerca de 13 mil pessoas no programa. A Cassi é o único plano de saúde privado a oferecer este tipo de serviço em Brasília.

“Nosso programa de atenção primária é baseado nas chamadas equipes nucleares, compostas por um médico e um técnico em enfermagem. Essas equipes são responsáveis por cerca de 1200 pacientes cada uma, e contam com o apoio de um grupo de profissionais das áreas de enfermagem, psicologia e nutrição”, informa Hênio.



Em 2005, a Cassi realizou uma avaliação dos resultados da Estratégia Saúde da Família compreendendo o período de 2003 a 2005, comparando os resultados do grupo atendido pela Estratégia em Brasília, Goiânia e Curitiba com aqueles do grupo não atendido. Para os cadastrados na ESF, houve redução de 62,3% no volume de exames feitos, enquanto para os não cadastrados a redução foi de apenas 35,4%. Outro indicador avaliado, a taxa de internação apresentou redução de 45,12% para os que participam da ESF, e aumento de 5% para os

que não participam. Conclusão: a ESF havia ajudado significativamente a melhorar a saúde dos participantes e reduzir gastos.

Em 2008, no entanto, a Cassi passou por uma nova reestruturação organizacional, que mutilou o ainda limitado alcance da ESF. Durante a reestruturação, foram impostas novas condições que reduziram a abrangência da Estratégia Saúde da Família. Houve, por exemplo, a redução da jornada dos médicos de família de 8h para 6h diárias, sem contratação de novos profissionais. O número de profissionais como assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros e nutricionistas também foi reduzido, resultando numa diminuição da quantidade de usuários atendidos pela Estratégia.

“Cabe perguntar a quem interessa estimular um modelo de atenção à saúde contrário aos interesses dos associados e da Cassi, que privilegia o atendimento hospitalar e o uso de tecnologia médica mais cara, provocando desequilíbrio econômico-financeiro e os sucessivos déficits operacionais sofridos pela empresa”, afirma José Luiz Lauria Jansen de Mello, coordenador-geral da AUCA (Associação Nacional dos Usuários da Cassi).

A saúde do trabalhador como medicina preventiva

Atenção primária à saúde envolve a resolução de problemas que podem ser fontes de adoecimento. Contam-se entre elas a falta de ergonomia, de segurança e o desgaste emocional que podem ser vivenciados no ambiente do trabalho. São contra esses fatores que atua a política de saúde do trabalhador.

Os dados do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) dão conta do tamanho do problema ligado à saúde do trabalhador. No ano de 2008, foram cerca de 750 mil acidentes de trabalho catalogados em todo o país. Esse número leva em conta apenas os acidentes e adoecimentos cuja causa foi reconhecida como ligada à atividades laborais, excluindo várias situações nas quais o ambiente de trabalho tem papel determinante. É o caso do adoecimento psicológico causado pelo assédio moral.


“No mundo de hoje, o trabalho assu-

me uma importância cada vez maior na vida dos indivíduos e na ocupação do seu tempo. Por isso, é impossível pensar uma estratégia holística de saúde que não passe pelo ambiente profissional. O trabalho desenvolvido pelas CIPAs (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes), por exemplo, é um esforço importante nesse sentido, embora a saúde do trabalho vá além da prevenção de acidentes”, acentua Fabiana Uehara, secretária de Saúde do Sindicato e bancária da Caixa Econômica Federal.

“Infelizmente, a maior parte dos empregadores, hoje, considera a saúde dos empregados como uma forma de gasto e não como um investimento. Por isso, há tanta relutância da parte das empresas em realizar esse tipo de ação. Na Contraf, trabalhamos com a ideia de que os riscos oferecidos pelo ambiente de trabalho podem ser minimizados, e agimos nesse sentido”, afirma Plínio Pavão, secretário de



Saúde da Contraf-CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro).

Graças à Campanha Nacional dos Bancários deste ano, a categoria conquistou um importante avanço com a inclusão, no Acordo Coletivo 2010-2011, de cláusula que prevê o combate ao assédio moral. “Até os idos dos anos 1990, a maior parte dos adoecimentos provocados pelo trabalho bancário estavam ligados aos problemas osteomusculares, como as LER/Dort. Hoje em dia, os distúrbios psicológicos já rivalizam com esses tipos de lesão como as principais causas de adoecimento entre a categoria”, detalha Plínio. 



Casados há 8 anos, Regina e Gilson, portadores de HIV, driblam a doença com amor incondicional

Fotos: Rodrigo Couto

A batalha agora é contra o supervírus da aids

Cinco mil brasileiros lutam contra um tipo do vírus altamente resistente da enfermidade. Gastos com antirretrovirais para combater essa variante do HIV já consomem 25% do orçamento destinado aos medicamentos antiaids

➔ RODRIGO COUTO

Passado o auge das infecções (37.452 casos diagnosticados em 2002) e dos óbitos (15.156 mortes em 1995) provocados por complicações decorrentes da aids no país, pelo menos cinco mil brasileiros portadores do HIV que desenvolveram resistência aos antirretrovirais – medicamentos utilizados para reduzir a quantidade do vírus no organismo – travam uma luta contra o chamado supervírus da enfermidade. Além

de difícil aos pacientes, a guerra para deter o avanço dessa variante do vírus sai muito cara ao governo federal. Reportagem especial da Extratos revela o drama dos soropositivos que utilizam os remédios da terceira linha do tratamento, a derradeira.

Policia civil aposentado, Gilson Gomes, 43 anos, é um desses cinco mil brasileiros que desenvolveram um tipo de vírus da aids altamente resistente, devido ao uso de antirretrovirais há muito tempo. Diagnosticado com a enfermidade há 22 anos, Gilson chegou a tomar 33 comprimidos de antirretrovirais por dia. “Já fiz todas as combinações



FOI AMOR À PRIMEIRA VISTA. POR UMA IRONIA DO DESTINO, A AIDS NOS UNIU. NÃO É ATESTADO DE MORTE TER HIV

Regina Cohen

possíveis de remédios para manter [a carga do] vírus sob controle. Só consegui ter o HIV indetectável há um ano, depois que comecei a tomar o maraviroc”, conta. O remédio não está na lista dos 19 antirretrovirais oferecidos gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e só é fornecido aos pacientes que conseguem ações favoráveis na Justiça – em 2009, foram 47 demandas judiciais – e/ou aos que participam de um estudo realizado pela Pfizer, fabricante do remédio.

O brasileiro Gilson encaixa-se na segunda opção. “Se não fosse a pesquisa realizada por minha infectologista em parceria com um laboratório norte-americano, ficaria muito difícil desembolsar quase R\$ 3 mil para comprar uma caixa do maraviroc”, afirma. O ex-policial não se importa com o fato de estar sendo uma espécie de cobaia, afinal o antirretroviral ainda não tem eficácia comprovada em todos os pacientes que se encontram na terceira linha de tratamento. “Não pensei duas vezes em usar o remédio. É ele que me mantém vivo”, acredita.

Quem vê a aparência saudável de Gilson hoje não imagina o que ele já sofreu em decorrência de complicações da aids. Logo depois de descobrir ser portador do HIV, ainda em 1988, ele iniciou o tratamento com a zidovudina (ou AZT), uma das primeiras drogas utilizadas no Brasil contra a doença. O remédio que salvou a vida do ex-policial também foi, provavelmente, o responsável por uma série de efeitos colaterais. Em 1998, Gilson foi diagnosticado com atrofia nas pernas e nos braços e também com lipodistrofia – acúmulo ou perda de gordura em determinadas partes do corpo. Em 2005, depois de muita persistência, conseguiu realizar pelo SUS uma lipoaspiração para remover o excesso de gordura na região abdominal.



Unidos pela aids

No ano da Copa do Mundo de Futebol da França (1998), Gilson conheceria sua futura esposa no Hospital Dia da 508 Sul, na fila onde os pacientes retiram os antirretrovirais. À época, o ex-policial auxiliava uma mulher que havia sido expulsa de casa pelo marido por conta do diagnóstico positivo dela para o HIV. Enquanto consolava a moça, Gilson não tirava os olhos de Regina Cohen, 59 anos, também portadora do vírus. A intenção de Gilson era pegar o telefone de Regina, mas o plano não deu certo. A macapaense, que desembarcou em Brasília nos anos 1970, havia sumido da visão de Gilson.

O reencontro só aconteceu em 2001, durante uma oficina sobre aids realizada por uma infectologista da cidade. Em maio do mesmo ano, o casal engatou um namoro. Em setembro noivaram. O casamento se confirmaria em fevereiro do ano seguinte. “Foi amor à primeira vista. Por uma ironia do destino, a aids nos uniu. Não é atestado

de morte ter HIV. Mesmo com todas as dificuldades, é possível sim conviver com a doença”, observa Regina, que participa da organização não governamental (ONG) Movimento Nacional Cidadãos Posithivas.

Psicóloga, Regina faz trabalho voluntário na ONG orientando pessoas e casais que contraíram o vírus HIV e precisam de apoio psicológico. Ela utiliza a própria história para auxiliar os que buscam ajuda. No dia em que recebeu a reportagem da Extratos, Regina atendia um casal infectado na sede da ONG, na Asa Norte.

Diferentemente do marido, ela não está na terceira etapa do tratamento da aids. Apesar de ainda ter mais opções de remédios, a psicóloga teve as primeiras falhas terapêuticas com antirretrovirais em 2005. Três anos depois foi obrigada a alterar o esquema. “Os medicamentos estavam prejudicando meus rins. A única alternativa foi fazer uma nova combinação”, lembra.

“Infelizmente, deu positivo”

Dez de setembro de 1997. Essa data Regina nunca mais vai esquecer. Foi nesse dia, mês e ano que ela descobriu ser portadora de uma doença ainda incurável e que já provocou a morte de mais de 200 mil (217.091) pessoas no país, segundo dados atualizados do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.

Antes de iniciar o tratamento propriamente dito, Regina começou a sentir os primeiros sinais de manifestação da aids em 1995. “Perdi 26 quilos, tive tosse, diarreia e febre noturna. Os médicos acharam que estava com gastrite e esofagite. No entanto, depois de vários exames, me solicitaram o teste de HIV, que, infelizmente, deu positivo”, diz.

Apesar de ter contraído HIV de um ex-namorado, a psicóloga não sentiu raiva do antigo companheiro. Pelo contrário, assim que soube do resultado tratou de ligar para todos os outros ex-namorados e avisá-los sobre sua situação sorológica. “Todos estão vivos e ainda mantenho contato com alguns”, acrescenta.

Regina e Gilson decidiram mostrar o rosto na reportagem porque acreditam que essa é a melhor forma de reduzir o estigma em relação à aids. “Sei de todas as dificuldades para assumir a condição de portador do HIV. Porém, se quisermos o fim do preconceito na sociedade, precisamos acabar com o preconceito que existe dentro de nós”, afirma Regina.

A AIDS JÁ PROVOCOU A MORTE DE 217.091 BRASILEIROS

Terceira linha de antirretrovirais consome 25% do orçamento total de remédios

Dos R\$ 600 milhões que o Ministério da Saúde desembolsa anualmente com os 19 antirretrovirais distribuídos gratuitamente aos 190 mil soropositivos que necessitam da terapia, R\$ 138, 942 milhões (quase 25% do total) são destinados para a compra dos medicamentos enfuvirtida, darunavir e raltegravir (veja quadro), todos da chamada terceira linha de tratamento, a última.

“O paciente que usa ao menos um desses antirretrovirais já está na última etapa

Os medicamentos da terceira linha

Dos 19 antirretrovirais que o Ministério da Saúde distribui atualmente nos 26 estados e no Distrito Federal, três fazem parte da chamada terceira linha. De alto custo, esses medicamentos, produzidos no exterior, são a última esperança aos portadores de Aids que tiveram falhas no tratamento e desenvolveram resistência ao HIV.

do tratamento e é uma parcela bastante importante para nós, uma vez que apresenta condições de saúde mais vulneráveis e, ao mesmo tempo, risco de transmitir esses vírus muito resistentes a outras pessoas”, observa o assessor-técnico Ronaldo Hallal, da unidade de Assistência e Tratamento do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais do Ministério da Saúde.

Apesar de essas drogas salvarem milhares de vidas, ainda não se sabe se o efeito positivo vai continuar a longo prazo. O raltegravir, por exemplo, foi introduzido pelo programa brasileiro de aids em janeiro de 2009. O darunavir, em 2008, e a enfuvirtida, em 2005. “Não dá para avaliar ainda o impacto a médio prazo, mas verificamos que 80% dos pacientes têm supressão do vírus em poucos meses. Com o raltegravir, esse índice chega a 90%. Alguns pacientes, realmente, não têm nenhuma opção terapêutica e a saída é ingressar em algum projeto de pesquisa”, destaca Hallal.

Em outubro, o ministério introduziu a entravirina, quarta droga da terceira linha.

O remédio é utilizado no Canadá e na Inglaterra. Após a sua inclusão, os 190 mil pacientes com HIV que precisam da terapia passarão a contar com 20 diferentes medicamentos para combater a Aids. A primeira compra de 3.360 frascos de etravirina custará R\$ 4,2 milhões e atenderá 500 pacientes. Para 2010, o Ministério da Saúde reservou R\$ 780 milhões para a compra de remédios antiaids.

Para detectar se há resistência aos antirretrovirais, é necessário fazer o exame de genotipagem oferecido na rede de saúde. A partir do resultado, se estabelece um novo esquema terapêutico. “O Brasil é um dos poucos países que promovem acesso à genotipagem gratuitamente”, afirma Hallal.

Para utilizar os antirretrovirais da terceira linha, o paciente deve preencher os critérios de indicação, a serem analisados por câmaras técnicas estaduais, formadas por especialistas. “A medida tem o propósito de evitar o uso excessivamente precoce de terapias que devem ser utilizadas na ausência de outras opções de tratamento”, explica Hallal.

Os medicamentos utilizados pelos pacientes infectados

| Medicamento | Classe terapêutica | Laboratório fornecedor | Ano de início de distribuição | Gastos estimados com aquisição em 2009 |
|-------------------------|-----------------------|---------------------------|-------------------------------|--|
| Enfuvirtida (T-20) | Inibidor de fusão | Roche (Suíça) | Junho de 2005 | R\$ 59 milhões |
| Darunavir (DRV) 300mg | Inibidor de protease | Jansen-Cilag (EUA) | Janeiro de 2008 | R\$ 30 milhões |
| Raltegravir (RAL) 400mg | Inibidor de integrase | Merck Sharp & Dohme (EUA) | Janeiro de 2009 | R\$ 48 milhões |

Fonte: Ministério da Saúde

Dificuldades em tomar medicamentos e interrupção do tratamento também causam resistência

O supervírus da aids também pode se desenvolver quando existem dificuldades em tomar os remédios da forma recomendada pelo médico e quando se interrompe o tratamento. Outra causa que fortalece a doença no organismo é a ingestão de medicamentos que interferem na ação dos antirretrovirais, como por exemplo alguns indicados para tratamento de úlceras ou gastrites.

A TRANSMISSÃO VERTICAL DO HIV OCORRE QUANDO A MÃE NÃO TOMA OS ANTIRRETROVIRAIS

Juliana*, 33 anos, levou anos para levar a sério o tratamento com os antirretrovirais. Contaminada desde os 17, por muito tempo ela retirava os medicamentos da farmácia, os levava para casa e os tomava por alguns dias. Abandonando o tratamento na sequência. O ritual, mantido por anos, colocou em risco o próprio filho.

Em 1994, mesmo ano em que descobriu

*Nome fictício a pedido da entrevistada

ter contraído o vírus da aids, a ex-dançarina também engravidou. Por não tomar corretamente os antirretrovirais indicados, Juliana queimou a primeira etapa do tratamento. “Foi por pouco que não transmiti a doença para meu filho”, admite. A preocupação dela faz sentido. A mãe que não toma os antirretrovirais e não se submete ao pré-natal corre o risco de transmitir HIV ao bebê. É o que os médicos chamam de transmissão vertical.

Três anos mais tarde a jovem já havia desenvolvido resistência aos antirretrovirais da segunda etapa. Em 1999, Juliana teve pneumonia e bronquite - doenças oportunistas que a obrigaram a partir para a terceira e última etapa do tratamento. No ano seguinte, foi desenganada pelo médico. Segunda Juliana, o especialista disse que se ela não tomasse os remédios e se cuidasse, iria morrer em poucos meses. Juliana reagiu e decidiu por sua vida. “Acordei tarde, mas ainda bem que foi a tempo.”

Ela atribui parte do comportamento suicida à revolta que sentiu de um ex-namorado, que a teria infectado de propósito. “Ele sabia que estava com aids e me contaminou. Ele pedia para fazer sexo sem camisinha”, afirma.

Na opinião de Diva Castelo Branco, gerente de DST, Aids e Hepatites Virais da Secretaria de Saúde do DF, os problemas de adesão ao tratamento e de adaptação fazem parte da fase de negação da doença. “A Juliana não tomava os remédios porque não aceitava a doença. Hoje, se você tomar todos os antirretrovirais, conforme recomendação do médico, sabe que não vai morrer de aids”, observa.

Em uma de suas apresentações como dançarina do Cine Ritz, em 2002, Juliana conheceu o atual companheiro, que trabalhava como DJ no estabelecimento. O novo amor não cessou o sofrimento, que logo voltaria a assombrá-la novamente. Em 2005, Juliana descobriu um câncer no útero. Sem precisar se submeter à quimioterapia, a ex-dançarina foi considerada curada da doença em 19 de julho de 2006.

As reviravoltas - boas e ruins - ainda rondam sua vida. Em crise conjugal, Juliana não sente mais desejo sexual. “Meu marido quer fazer sexo, mas não sinto a menor vontade. Quando faço, é só para satisfazê-lo”, admite. O infectologista José David Urbaz explica que os antirretrovirais podem reduzir o apetite sexual. “É normal”, diz.

Diva Castelo Branco reforça que a melhor arma para combater a aids é tomar os remédios de acordo com indicação médica



FOI POR POUCO QUE NÃO TRANSMITI A DOENÇA PARA MEU FILHO

Juliana*



Distrito Federal

A aids já causou a morte de **2.655 pessoas** no Distrito Federal. Atualmente, existem **6.522 portadores** de HIV em Brasília, sendo **4.654 homens** e **1.868 mulheres**. Exatos 2.352 soropositivos recebem os antirretrovirais na capital federal. Os dados são do boletim epidemiológico de 2009.

Segundo Diva Castelo Branco, Taguatinga lidera o número de casos absolutos da doença no DF. Ano passado foram 53 novas ocorrências na cidade, seguida de Ceilândia (33), Samambaia (18) e Asa Sul e Recanto das Emas, com 15 registros para cada localidade.

Já na incidência da doença por 100 mil habitantes, a região administrativa da Estrutural lidera o ranking, com 27,7 casos. Paranoá aparece na vice-liderança (18,3), à frente de Taguatinga (18) e Cruzeiro (15,7).

“Somos Iguais. Preconceito Não”

No Dia Mundial de Luta contra a Aids, celebrado em 1º de dezembro, o Ministério da Saúde irá lançar a campanha “Somos Iguais. Preconceito Não”. Para combater a desinformação, artistas como Adriana Esteves, Luana Piovani, Bruno Gagliasso e Reinaldo Gianecchini se juntaram a jovens portadores de HIV em uma sessão de fotos que resultará em uma exposição fotográfica itinerante.

“Dois anos após a morte da minha mãe por HIV, as outras crianças da escola começaram a falar que eu tinha Aids e que não queriam ficar perto de mim, nem beber água no mesmo lugar. A diretora disse que eu não podia continuar na escola e eu tive que ir morar em outra cidade. Hoje, decidi dar minha cara a tapa. Os que me amam estão comigo”, conta a estudante Taís Oliveira, 17, que fez fotos ao lado do ator Bruno Gagliasso.

Também como parte do Dia Mundial de Luta contra a Aids, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) do Distrito Federal vai lançar uma cartilha sobre os direitos dos trabalhadores portadores de HIV. É direito do soropositivo, por exemplo, sacar o FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço).

“Me elegi com o compro mudança

→ ANDRÉ SHALDERS

No dia 31 de outubro de 2010, Agnelo Queiroz (PT) se credenciou como o próximo governador do Distrito Federal. O petista foi eleito com 66,1% dos votos válidos dos brasilienses para realizar mudanças profundas na administração pública, depois de uma das mais virulentas crises políticas da história da cidade. Além de concretizarem a primeira prisão de um governador em pleno mandato, os acontecimentos do final de 2009 e início de 2010 trouxeram à luz uma série de esquemas, maracutaias e irregularidades, abarcando da Câmara Legislativa do DF ao executivo local, do PDOT (Plano Diretor de Ordenamento Territorial) aos contratos de terceirização de serviços assinados pelo GDF.

Foi para empreender essas árduas transformações que Agnelo foi escolhido pelos cidadãos da capital da República. Natural de Itapetinga (BA) e médico de formação, o governador eleito foi deputado distrital (1990-1994), deputado federal por três mandatos (1995-2007) e ministro dos Esportes do governo Lula entre 2003 e 2006. Foi filiado ao PC do B durante a maior parte de sua vida pública, filiando-se ao PT em 2008. Concorrendo ao GDF pela primeira vez nas eleições deste ano, conseguiu o feito histórico de derrotar o ex-governador do DF Joaquim Roriz e sua esposa, Weslian.

Nesta entrevista exclusiva à revista *Extratos*, Agnelo Queiroz fala sobre a necessária limpeza ética a ser promovida na máquina pública do GDF e sobre as expectativas dele para o próximo período. Apesar do pouco tempo por conta da correria e das reuniões diárias envolvendo os preparativos da transição de governo, Agnelo se dispôs a responder, por e-mail, às questões que se seguem. Confira.



Extratos: A eleição de Dilma e do senhor abre uma nova perspectiva para a relação entre o GDF e o governo federal. Como se dará essa colaboração no próximo período?

Agnelo Queiroz: Durante a campanha, falei muito nisso. Na importância de se ter um governo local em sintonia com o governo federal. Será um grande benefício ao Distrito Federal. A presidente eleita Dilma já demonstrou seu carinho por Brasília, fizemos

campanha juntos, fomos às ruas mostrar que essa parceria só ampliará as melhorias que o governo Lula trouxe aos brasileiros. Mas Brasília ficou para trás. Os avanços sociais que o País conquistou precisam chegar mais ao Distrito Federal. Aqui temos as maiores desigualdades sociais do Brasil. É preciso distribuir renda, gerar emprego aqui. E isso ocorrerá agora com nosso governo em linha direta com a área federal. Programas federais como o Minha Casa, Minha Vida não

chegaram no DF como deveriam, por falta de iniciativa local. Vou buscar todas as parcerias, convênios, recursos possíveis da União para a nossa capital. O presidente Lula nos apoiou nessa campanha e com a presidente eleita Dilma estou certo que teremos mais condições de melhorar a vida do brasiliense.

Extratos: O sr. assumirá o GDF depois de uma das crises políticas mais violentas dos últimos anos. Como pretende agir para restabelecer a

moralidade na administração pública, considerando a amplitude dos esquemas fraudulentos que vieram à luz com a crise?

Agnelo: Me elegi com o compromisso de mudança radical na forma de gestão pública. Não dá mais para continuar esse modelo atrasado, essa forma que levou nossa capital para as páginas policiais. Os gastos serão rigorosamente controlados. Vou criar a Secretaria da Transparência. A Corregedoria, Controladoria e Ouvidoria

misso de uma radical”

Fotos: Agência Brasil



terão status de secretaria. A aplicação dos recursos públicos poderá ser acompanhada num sistema inspirado no Portal da Transparência. Vou criar também um disque-denúncia da administração pública para receber informações do que pode estar ocorrendo de irregularidade, mantendo o sigilo de quem liga. Já estive no Ministério Público e no Tribunal de Contas do DF buscando informações sobre as áreas problemáticas do GDF e orientação para soluções em parceria. Meu mandato será totalmente dentro da legalidade.

Extratos: Dentro da base aliada do governo, há pessoas que participaram das gestões anteriores ou que já foram ligadas politicamente ao ex-governador Joaquim Roriz. Como evitar que isso interfira nas investigações que deverão ser feitas?

Agnelo: Quem integra a minha aliança tem a consciência de que o modelo de gestão vai mudar. Que não haverá espaço algum para as velhas práticas. Quem está comigo concorda e por isso está ao meu lado. A ruptura com o passado já se deu. Não permitirei deslizes. Isso valerá para todos os integrantes do meu governo.

Extratos: Há alguma ação prevista para a valorização do quadro funcional? Vale lembrar que 44,98% da arrecadação do GDF está comprometida com a folha de pagamentos e que o teto fixado pela Lei de Responsabilidade Fiscal é de 46,5%.

Agnelo: O servidor não quer apenas reajuste salarial. Hoje muitas categorias lutam mais é por melhores condições de trabalho, por atenção em capacitação. É possível, sim, valorizar nosso servidor de diversas maneiras. E temos de fazer isso. É a forma de fortalecer os serviços públicos. Um funcionário satisfeito, valorizado, oferece melhor serviço à população. Estamos fazendo um diagnóstico, vamos avaliar a situação das categorias. O importante é manter um diálogo aberto permanente com os servidores. Ouvir suas

reivindicações, construir soluções conjuntas, sentirmos que estamos no mesmo barco.

Extratos: Sua gestão herdar da de José Roberto Arruda a nova versão do PDOT, que foi aprovada sem as devidas audiências públicas e com várias emendas que visam atender interesses particulares. O sr. pretende rever o PDOT? E o Setor Noroeste?

Agnelo: Sim, vamos reavaliar o PDOT. Uma equipe ficará por conta disso. O Ministério Público já questionou e a Justiça já se posicionou apontando alguns problemas. O que estiver dentro da legalidade e for para o bem da cidade fica, o que for identificado de irregular tem de sair.

Extratos: Os bancos públicos vêm desempenhando um papel fundamental para o desenvolvimento nacional, ao aumentar a oferta de crédito e a disponibilidade dos serviços bancários. Como o sr. vê a atuação do BRB, enquanto banco público local, e que estratégias podem ser tomadas para ampliar esse papel?

Agnelo: O BRB tem potencial para ser um banco referência, de desenvolvimento do Centro-Oeste. Precisa atuar mais como banco de fomento. Por meio dele, temos de oferecer o microcrédito. É preciso imprimir fortemente essa atuação de desenvolvimento, empreendedorismo e social do BRB.

QUEM INTEGRA
A MINHA
ALIANÇA TEM A
CONSCIÊNCIA DE
QUE O MODELO
DE GESTÃO VAI
MUDAR. QUE NÃO
HAVERÁ ESPAÇO
ALGUM PARA AS
VELHAS PRÁTICAS



Pedro Tupinambá é economista e técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), subseção do Sindicato dos Bancários de Brasília.

O governo de Dilma Rousseff e a agenda da **classe** trabalhadora

Passado o pleito, o desafio agora é fazer com que as propostas constantes da Plataforma da CUT para as Eleições 2010 sejam levadas a cabo pelo novo governo



O DESAFIO DA PRESIDENTE ELEITA ESTÁ EM **ARTICULAR O PROGRAMA DE GOVERNO COM A AGENDA DO MOVIMENTO SINDICAL, PROMOVENDO AVANÇOS SOCIAIS AINDA MAIS SIGNIFICATIVOS**

Eleita em 2º turno com mais de 55 milhões de votos, Dilma Rousseff consagrou-se como a primeira mulher eleita presidente da República Federativa do Brasil e garantiu o terceiro mandato consecutivo ao Partido dos Trabalhadores (PT). Como a disputa eleitoral entre as alianças majoritárias do PT-PMDB versus PSDB-DEM não explorou suficientemente o debate de idéias e propostas, cabe ainda examinar como os temas de interesse da classe trabalhadora serão tratados na agenda de governo.

A aliança de governo alcançou a maioria no parlamento (311 deputados dos 513 e 59 dentre os 81 senadores), o que lhe dá condições, teoricamente, de aprovar projetos de lei e mesmo emendas constitucionais. No entanto, isto nem sempre funciona na prática, pois esta maioria pode não se traduzir em votos efetivos na hora da aprovação de medidas legislativas. Por isso, as propostas dos trabalhadores dependerão em muito da mobilização e participação nas decisões políticas, o que deveria ser ampliado e reforçado pelo futuro governo.

Na perspectiva dos trabalhadores interessa destacar os elementos da agenda construída de forma conjunta entre as Centrais Sindicais, na chamada plataforma unificada de 2010, e que deverá nortear as estratégias da presidente eleita.

Assim, na construção da plataforma unificada foram definidos eixos estratégicos na perspectiva de uma agenda nacional-desenvolvimentista, a saber:

Crescimento com distribuição de renda e fortalecimento do mercado interno


Este eixo destaca a política de valorização permanente do salário mínimo e da renda do trabalho, da seguridade social (previdência, saúde e assistência social) e do sistema educacional público e gratuito; uma política pública de saneamento e de resíduos sólidos; políticas regionais de desenvolvimento; e, o fortalecimento da agricultura familiar.



Documento contém mais de 200 propostas elaboradas pela Central em conjunto com sindicatos, federações e confederações, e foi entregue aos candidatos para as eleições de outubro

Valorização do trabalho decente com igualdade e inclusão social

Como nas políticas de incentivo ao emprego formal e ao combate à precarização do trabalho (com o fim do trabalho infantil e escravo/forçado); redução da jornada legal de trabalho de 44 para 40 horas semanais; fortalecimento do sistema público de emprego, da economia popular e solidária; valorização do servidor público; fortalecimento da previdência social, da saúde e da segurança do trabalho; igualdade de oportunidades e combate à discriminação, especialmente no mercado de trabalho; regulamentação da terceirização; ratificação da Convenção nº 158, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que proíbe a dispensa imotivada (sem justa causa).

Como se pode perceber, esta agenda de temas e propostas é bem ampla e cobre várias áreas do que pode ser um programa de governo. A presidente eleita pode tomá-la como uma referência concreta para estabelecer relações entre suas prioridades e os temas de interesse dos trabalhadores. O sentido geral é o de se alcançar avanços sociais ainda mais significativos do que os já assegurados nos últimos oito anos. Há uma estratégia de fortalecimento do Estado e das políticas de proteção social, vistas pelo movimento sindical não como um simples ônus para as finanças públicas, mas como meios para enfrentar as desigualdades sociais e promover uma sociedade mais justa, livre e solidária. 

Estado como promotor do desenvolvimento socioeconômico e ambiental

Destaque para propostas no campo das políticas macroeconômicas, de energia, reforma agrária, reforma tributária, sistema financeiro nacional, empresas públicas, segurança pública, transferência de renda e políticas sociais, Pré-Sal e sustentabilidade ambiental. E, em relação ao sistema financeiro, o movimento sindical reforça a importância da regulamentação do artigo 192, da Constituição Federal de 1998, no sentido de que sejam contempladas as diretrizes em torno do desenvolvimento equilibrado do País e a serviço dos interesses da coletividade.

Democracia com efetiva participação popular

Definição de propostas de democratização do Estado e dos meios de comunicação; além disso, a realização da reforma política.

Direitos e negociação coletiva

Ações voltadas para garantir o direito de organização sindical, negociação coletiva, solução de conflitos e direito de greve. Destaque para a regulamentação do direito de greve no setor público.

Gerentes na berlinda

Sistema de metas estipulado pelos bancos obriga gerentes a repassarem cobranças abusivas aos subordinados

→ THAÍS ROHRER

O assédio moral é uma realidade que atormenta os bancários em todos os níveis hierárquicos e na vida dos gerentes a situação não é diferente. Eles muitas vezes são taxados de assediadores, mas também se sentem pressionados e sofrem com o fato de serem obrigados a repassar a cobrança para a equipe. “Recebemos ameaças dos nossos superiores regularmente para cumprir as metas. Se não conseguimos, perdemos o cargo ou somos transferidos para uma agência menor. A dura realidade é que não posso fazer nada, apenas compor o sistema”, constata João*, gerente do Banco do Brasil há 13 anos.

VALDO VIRGO



É às voltas com esse dilema que os gerentes transmitem as instruções recebidas para os funcionários. “Não importa o que aconteça, o banco quer o resultado naquele momento. O patrão não olha para o que você contribuiu em anos dentro da instituição”, ressalta Selma*, gerente de um banco privado. Ela está na empresa desde os anos 90 e sente que a pressão por resultados aumentou com o passar dos anos.

A angústia dos gerentes é comprovada nas entrevistas concedidas a **Extratos**. Eles lamentam a cobrança constante aos subordinados e sofrem com o rótulo de assediadores. Dizem que se lembram que também se sentiam pressionados pela chefia quando não eram gerentes, mas a situação não mudou com a ascensão ao cargo de gerência. João comenta que mudar de cargo só fez alterar a ordem dos “repassadores” das metas, já que os superintendentes do banco também cobram dos gerentes os mesmos resultados e fazem ameaças de descomissionamento e transferência do local de trabalho.

Os gerentes relatam a situação de maneira parecida. Os dois comentam que o lucro dos bancos nos últimos anos aumentou e que se preocupam com o fato de que um novo recorde precisa ser batido também em 2010. “Ficamos satisfeitos em ver que nosso trabalho está dando resultado. Mas depois desses lucros tenho que chegar para a minha equipe e dizer que neste ano, neste semestre, precisamos ser melhores e nos superarmos no trabalho. Eu sei que isso significa menos qualidade de vida, menos tempo com a família e mais estresse”, afirma Selma.

Além dos gerentes, **Extratos** ouviu casos relatados pelo psicólogo Vitor Barros, responsável pelo grupo de trabalho do Sindicato que atende vítimas de doenças ocupacionais. Ele foi taxativo: o que está por trás da prática do assédio moral é o modelo de gestão dos bancos baseado na imposição de metas - muitas vezes inatingíveis.

“
O BANCO QUER
O RESULTADO
NAQUELE MOMENTO.
O PATRÃO NÃO OLHA
PARA O QUE VOCÊ
CONTRIBUIU EM
ANOS DENTRO DA
INSTITUIÇÃO

Selma*

A própria estrutura do ambiente de trabalho nas agências é moldada dentro da lógica da pressão por desempenho. Nas salas de reunião ou próximo às mesas dos gerentes, por exemplo, o formato é o mesmo: um quadro branco e planilhas com anotações em tom de cobrança. Além disso, a disseminação de palavras-chaves como clima organizacional, trabalho e resultados fazem parte da vida do trabalhador bancário. Tudo isso para cumprir os objetivos estipulados pelos bancos. “Os gerentes trazem um grande sentimento de desesperança, pois todo mês batem as metas com grande esforço e depois chegam novas metas ainda mais difíceis de serem atingidas. Quando achavam que iriam respirar um pouco, aparecem outras cobranças”, afirma Barros.

A agressão psicológica faz parte das relações de trabalho dentro dos bancos. Essa prática nefasta é confirmada pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST), que em 2009 registrou índice recorde de processos envolvendo o tema. Foram catalogados 434 processos no ano passado, 66% a mais do que o registrado em 2008. Os dados apurados pela Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro (Contraf-CUT) também confirmam esse quadro preocupante sobre o assédio moral. Entre os bancários que responderam à consulta feita pela Confederação sobre quais deveriam ser as prioridades na luta para a Campanha Nacional 2010, 79% indicaram o combate ao assédio moral como principal demanda entre as questões de saúde e condições de trabalho.

*Nome fictício para preservar a identidade dos bancários

Modelo de gestão estimula o assédio e o adoecimento

O assédio moral e o consequente adoecimento psicológico são resultado direto do modelo baseado no cumprimento de metas, do medo da perda da comissão ou mesmo do emprego. O movimento sindical luta há tempos para combater esse mal cobrando, por exemplo, métodos claros de avaliação para comissionamento e descomissionamento nos cargos. “Regras transparentes para o comissionamento e descomissionamento vão resolver boa parte dos abusos contra os bancários, que não mais ficarão reféns de ameaças. E evita que os funcionários se sintam pressionados a trabalhar num ritmo cada vez mais acelerado e prejudicial à saúde”, frisa Eduardo Araújo, diretor do Sindicato.

Vitor Barros comenta que os problemas psicológicos são os vilões dos bancários que tem adoecido devido ao ritmo estressante. Ele comenta que o banco deveria fazer exames periódicos mais aprofundados em relação à saúde psicológica do trabalhador.

Prevenção enquanto é tempo

O Sindicato dos Bancários de Brasília começou um projeto-piloto de atendimento aos gerentes na Clínica do Trabalho focado na prevenção. Isso porque, justifica Barros, a maioria dos bancários só procura ajuda quando já estão afastados do trabalho com problemas psicológicos.

O projeto visa o diálogo com o grupo de gerentes para que a confiança no outro seja restabelecida e para que haja o reconhecimento da situação em que está inserido no ambiente de trabalho. Depois dessa análise será mais fácil para o bancário lidar com a equipe e amenizar os sofrimentos cotidianos do trabalho, contaminado pelo espírito de competição exagerado. “Com o grupo de trabalho os gerentes podem perceber que é impossível seguir o modelo de ser campeão sempre e sofrer menos com as metas abusivas que acabam induzindo o funcionário a erro”, analisa Vitor.

O projeto com os gerentes está sendo reformulado pelo Sindicato para novos encontros. “Estamos repensando o formato, já que os gerentes que participaram do projeto-piloto tiveram dificuldade de continuar porque saíam muito tarde do trabalho”, comenta Fabiana Uehara, secretária de Saúde do Sindicato.

Campanha 2010:

Avanços no combate à prática

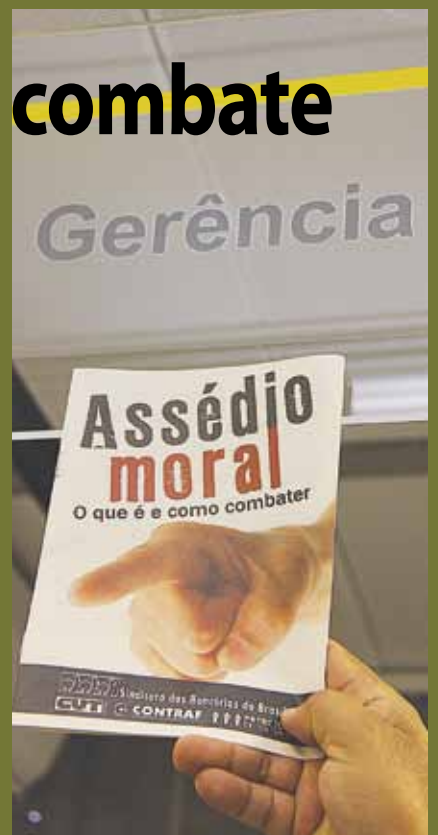
São anos de luta no combate ao assédio moral e cobrança dos patrões em relação a critérios que resguardem os trabalhadores dessa prática. Após a pressão da categoria e a greve de 15 dias deste ano, a Convenção Coletiva de Trabalho 2010/2011 trouxe uma cláusula que prevê o combate ao assédio moral, através de ações de prevenção de conflitos no ambiente de trabalho.

As instituições que aderirem se comprometerão com uma declaração explícita de condenação a qualquer ato de assédio. Também deverão implementar um canal de denúncias, com prazo para apuração e retorno à entidade sindical.

A denúncia poderá ser feita pelo bancário ou pelo sindicato. A apuração terá de ser feita em 60 dias, contados a partir da data da denúncia. O nome do denunciante será preservado. Também ocorrerá uma avaliação semestral do programa, com apresentação por parte da Fenaban de dados estatísticos setoriais com o objetivo de criar indicadores de qualidade.

O acordo aditivo à Convenção Coletiva de Trabalho do Banco do Brasil 2010/2011 também avançou nesse sentido. Os bancários conseguiram que a empresa estabeleça novas regras para avaliações de desempenho. A alteração da Instrução Normativa 369 prevê o aumento de um para três ciclos negativos a quantidade de avaliações necessárias para efeito de descomissionamento por desempenho – o que ajuda a proteger as vítimas do assédio.

Durante a negociação específica do BB, antes do início da Campanha, o



movimento sindical já havia conseguido que os casos de assédio moral e conflitos no ambiente de trabalho passassem pela análise do Comitê de Ética Nacional e nos Comitês de Ética Regionais. Os comitês regionais já estão constituídos e devem começar a receber os casos em breve. Eles são compostos por funcionários indicados pelos gerentes regionais do banco e um eleito. O representante escolhido democraticamente no DF já foi empossado: trata-se de Edson Pereira.

O BRB foi um dos pioneiros no combate ao assédio moral. A primeira cláusula que tratava sobre conflitos no ambiente de trabalho foi conquistada pelos bancários do BRB em 2001. Em 2010, os funcionários da Pouplex também arrancaram uma cláusula de combate ao assédio moral.



Fique atento

O descomissionamento desregrado é um dos motivos que aflige os bancários, entre eles os gerentes. O descomissionamento baseado em critérios subjetivos encontra barreiras no

Tribunal Superior do Trabalho (TST). A Súmula nº 372 garante que os funcionários em exercício no cargo há, no mínimo, dez anos continuam recebendo a gratificação.



Fotos: Augusto Coelho e Valéria Carvalho

50 anos de história na avenida

Escola de Samba Acadêmicos da Asa Norte faz samba enredo para o Carnaval 2011 em homenagem ao cinquentenário do Sindicato dos Bancários de Brasília

➔ PRICILLA BEINE

Serpentinas, samba, trio elétrico... Tudo já está sendo preparado para o feriado mais esperado pelos brasileiros e que, dizem, é o verdadeiro marco do início do ano. Em Brasília não é diferente e os foliões já começam a se organizar para o Carnaval 2011.

Já no clima da festa a escola de samba Acadêmicos da Asa Norte anunciou a homenagem, no carnaval 2011, aos cinquenta anos de luta do Sindicato dos Bancários de Brasília. O lançamento do tema samba enredo “Nas bodas de ouro do seu sindicato, os grandes homenageados são os bancários” aconteceu ainda em junho, quando a escola comemorou a subida ao Grupo 1 do Carnaval de Brasília. Cerca de 400 pessoas se reuniram para prestigiar a escola e assistir à apresentação da bateria nota 10 da Acadêmicos e da ala show da Unidos da Tijuca.

Além do samba enredo em homenagem ao Sindicato a escola ofereceu também um troféu, que foi recebido pelo presidente Rodrigo Britto, em agradecimento ao apoio dado pela entidade ao samba e à cultura

brasiliense. A parceria, que começou com a união para atividades do Pré-Carnaval dos Bancários em 2008 e a criação do bloco “Ano que vem num tem”, já caminha para três anos. Com o tema escolhido, sambistas, bancários, passistas e apreciadores do ritmo voltaram a se reunir no dia 19 de novembro, na AABB, para escolher aquela que será a letra do samba enredo do Carnaval 2011. De autoria da sambista Jamelinha da Mangueira, a música promete animar o desfile na avenida.



NOVEMBRO DE 2010 A. JANEIRO DE 2011

OFICINAS DE PERCUSSÃO E BATERIA SÃO OFERECIDAS PELA ESCOLA PARA INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO DOS BANCÁRIOS



É TUDO MUITO IMPORTANTE PARA QUE A APRESENTAÇÃO SEJA PERFEITA, E SUAMOS ATÉ O ÚLTIMO MINUTO

Pedro Marques
Carnavalesco

Para o presidente da Acadêmicos, Robson Farias, essa “é uma oportunidade imperdível para os bancários participarem do Carnaval de Brasília, já que são os grandes homenageados do desfile. Além disso, é uma forma de reconhecer as iniciativas de apoio que o Sindicato dá à cultura local”. Para incentivar a participação da categoria, a escola abriu oficinas para que bancários, cooperativários e financeiros com interesse em participar do desfile se preparem para a apresentação. Além das aulas de bateria e percussão, a escola também providenciará os instrumentos musicais para aqueles que ainda não possuem.

Outra vantagem oferecida é a prioridade na escolha dos destaques dos carros alegóricos e das alas – elas podem ser organizadas pelos próprios participantes com colegas de trabalho, familiares e amigos para entrar na avenida. As fantasias também serão fornecidas pela escola.

Bancário há 16 anos, Alberto Alves Júnior conta que sempre se impressionou com a organização e capacidade de luta dos bancários e a contribuição para com os interes-

ses da sociedade. Participando do carnaval de Brasília há quatro anos, ele diz que “quando se conhece o que é uma escola de samba, as pessoas envolvidas e a dimensão do poder dessas associações junto à comunidade, você é conquistado. É a força da comunidade organizada e voltada para o seu próprio bem”. Cerca de mil pessoas participarão do desfile, que promete ser um dos maiores de Brasília.

Segundo o presidente do Sindicato dos Bancários de Brasília, Rodrigo Britto, o Sindicato tem histórico de valorização da cultura, principalmente de artistas locais e, desde a primeira edição do Pré-Carnaval, desenvolve a parceria com a Acadêmicos com o intuito de potencializar o maior evento cultural brasileiro no DF. “Com isso, além de promover lazer e arte, promovemos a geração de empregos e turismo para a nossa cidade”, diz.

Rodrigo destaca também a vontade de promover para a população um carnaval diferenciado e que colabore para o aumento da qualidade do evento em Brasília, “trazendo novidades para a avenida e encampando as reivindicações das escolas de samba do DF”.

Para o presidente, o carnaval começa antes, na realização do Pré-Carnaval dos Bancários, que deve receber pelo menos 15 mil pessoas para a próxima edição. Unidos da Tijuca, Acadêmicos da Asa Norte e Bola Preta de Sobradinho são algumas das atrações já confirmadas para o dia 18 de fevereiro.

Ótima oportunidade para assistir a uma prévia do que vai ser o Carnaval 2011.

Da agulha à avenida

Segundo o carnavalesco Pedro Marques, da escola de samba Acadêmicos da Asa Norte, parceira do Sindicato no Pré-Carnaval dos Bancários, o trabalho não para até a hora de entrar na avenida. “São muitas etapas e o trabalho é interdependente. Não tem como trabalhar nos carros alegóricos e esquecer as fantasias, por exemplo. É tudo muito importante para que a apresentação seja perfeita, e suamos até o último minuto”, explica. “Não existem palavras pra explicar como é ver nosso trabalho sendo aplaudido na avenida”, diz o carnavalesco, emocionado.

O trabalho começa meses antes: primeiro, a escolha do carnavalesco, o desenvolvimento do enredo, das fantasias e alegorias, definição das coreografias, do número de alas, de integrantes, de destaques e carros alegóricos. Logo depois começa a construção do arnaval, quando são fabricadas as fantasias e carros alegóricos, além da escolha do samba-enredo, dos intérpretes, dos integrantes da bateria, das passistas, dos destaques, da comissão de frente, do mestre-sala e porta-bandeira.

Por fim, e depois de meses de trabalho, o espetáculo. É quando o movimento fica ainda maior na organização, aumenta a responsabilidade do transporte de material, de pessoas, de carros, a distribuição das fantasias e de instrumentos de percussão e a organização das alas e a evolução. A harmonia de todas as etapas é a grande responsável pelo sucesso do desfile.





Que rufem os tambores

A festa contará com diversas opções para quem não pretende deixar a capital no feriado. Bonecos gigantes, programação especial para as crianças e inúmeros shows já estão na lista de atrações para o brasiliense. A partir da noite do dia 4 de março até o dia 8, não faltarão alternativas para satisfazer aos mais variados estilos de foliões.

A principal atração começa na tarde do dia 5, no Ceilambódromo, e vai até o dia 8. A expectativa do GDF é que o Sambódromo, localizado na Ceilândia, tenha todos os 1.100 lugares ocupados e receba pelo menos 50 mil pessoas em cada um dos quatro dias de folia para assistir aos desfiles das escolas de samba, que acontecem no domingo (6) e na segunda-feira (7) com os grupos de Acesso. As escolas do grupo Especial encerram as apresentações na terça-feira (8).

Dados da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (SCDF) mostram que já existem 24 escolas de samba, divididas entre os grupos Especial, de Acesso, Grupo 2 e Grupo 3. Segundo a secretaria, os 48 anos de tradição do Carnaval de Brasília vão além dos desfiles: só no ano passado foram liberados R\$ 3 milhões para o evento, com a geração de mais de 600 empregos entre diretos e indiretos. Todos os anos são abertas vagas para costureiras, figurinistas, decoradores, marceneiros e vários outros profissionais que encontram na festa uma oportunidade para trabalhar e ajudar no orçamento. ❁

Clube x rua

Já acabou o tempo em que Brasília não oferecia opções de diversão no feriado do carnaval. Do maracatu ao samba, diversas programações são oferecidas – carnaval de rua, festas em clubes e desfiles de escolas de samba – tudo preparado para satisfazer os foliões brasilienses. Vale tudo: sombrinhas de frevo, blocos e trilha sonora temática.

Um dos mais tradicionais blocos de Brasília, o Galinho de Brasília reuniu, em 2010, cerca de cinco mil pessoas em apenas um dia de cortejo. Blocos como o Pacotão e a Baratona também têm programação especial. Nas cidades Satélites, Mamãe Taguá, Asé Dudu e Menino de Ceilândia são opções para quem não quer se deslocar até o Plano Piloto. Para as crianças, o bloco da Baratinha se reúne no Parque Ana Lúcia, no Parque da Cidade.

Para quem não simpatiza com as festas de rua, diversos clubes da cidade oferecem oportunidades para aproveitar a data. Locais tradicionais como a AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil), Asbac (Associação dos Servidores do Banco Central) e o late Clube de Brasília oferecem, além dos bailes tradicionais pra os adultos, matine para as crianças.

Outra opção para as crianças são as programações do SESC (Serviço Social do Comércio). As estações da 504 Sul, Taguatinga Sul e Ceilândia preparam atividades como oficinas de máscaras carnavalescas, jogos recreativos, concurso de fantasias e shows.

Fotos: Augusto Coelho e Valéria Carvalho



Qualificação profissional sim, mas por sua conta

Habilidades e competências muitas vezes acima da média são exigências dos bancos para contratar e para a ascensão na carreira. Mas há um gritante descompasso entre a qualificação que pedem e a que oferecem aos funcionários

→ ANDRÉ SHALDERS

A qualificação profissional vem sendo apontada, há bastante tempo, como um fator estratégico para o sucesso de empresas, indivíduos e até mesmo para o desenvolvimento dos países. Assim como as sociedades, o mundo do trabalho vem se tornando cada vez mais complexo, na esteira de processos como a informatização e a globalização. Com isso, demandam-se dos profissionais a especialização e a atualização constante dos conhecimentos. Por ser extremamente informatizado e operar em escala global, o sistema financeiro está na ponta desse movimento.

Exige-se do trabalhador bancário uma gama crescente de conhecimentos e habilidades, mas há um descompasso entre a qualificação exigida pelos bancos e aquilo que eles efetivamente oferecem aos funcionários. Na maioria das instituições financeiras, os incentivos ao aperfeiçoamento pro-

fissional são limitados, isso quando existem.

Segundo dados do censo elaborado pelo Programa de Valorização da Diversidade, de 2008, quase 70% dos trabalhadores bancários no Brasil possuem pelo menos curso superior. O percentual daqueles com pós-graduação, MBA e outros títulos é de 24,6%. Esses índices contrastam com os números da população economicamente ativa (PEA) no Brasil, onde apenas uma minoria possui qualificação. A categoria bancária é formada, portanto, por trabalhadores com habilidades e competências acima da média. Quanto mais elevado o cargo, maiores as exigências para ocupá-lo.

Bancários pagam a maior parte da conta

Na maioria dos bancos, os incentivos à qualificação profissional são insuficientes. Ela é pré-requisito para a ascensão na carreira, e, apesar de trazer benefícios ao desempenho das empresas, os custos geralmente recaem sobre os trabalhadores.

“Quando houve a fusão com do Real com o Santander, o quadro de funcionários aumentou muito. E, ao invés de melhorias, tivemos a limitação do número de bolsas, que antes eram disponíveis a todos que atendessem os critérios. Para a maioria dos ban-

cários, o objetivo de se qualificar ficou mais distante, a não ser que paguem por isso”, esclarece Rosane Alaby, diretora do Sindicato e bancária do Banco Real/Santander.

Entre grandes bancos que atuam no país, o Bradesco é o único que não paga o auxílio educação para a graduação, como explica Garcia Rocha, secretário de Cultura do Sindicato. “O Bradesco é o único, atualmente, que não oferece qualquer tipo de auxílio significativo à formação dos seus funcionários. E o banco ainda posa de bonzão, com essa Fundação Bradesco. Mas ele não dá a mínima para os trabalhadores”, denuncia.

“A única coisa que o Bradesco oferece são cursos do próprio banco sobre o funcionamento dos sistemas internos, atendimento aos clientes etc. Mas não há nada para além disso. A qualificação profissional não é obrigatória, mas é claro que quem não se qualifica não avança na carreira”, afirma uma bancária do Bradesco em Brasília, que preferiu não se identificar.

A Certificação Profissional Anbid Série 10 e Série 20 (CPA 10 e CPA 20), por exemplo, tratam de temas do mercado de valores e são obrigatórias para trabalhadores que exercem cargos de gerente de atendimento. Para essas certificações, a política do Bradesco é a de reembolsar o valor da prova somente aos bancários que são aprovados no exame. O curso é oferecido pelo Sindicato.

O BRADESCO É O ÚNICO BANCO QUE NÃO PAGA O AUXÍLIO EDUCAÇÃO PARA A GRADUAÇÃO

A luta dos bancários pela qualificação

Apesar de ainda serem poucos os incentivos nesta área por parte dos bancos, a luta do movimento sindical pela qualificação profissional tem registrado avanços, graças há anos de lutas e de negociações com as instituições financeiras. Em bancos públicos como a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil, há concursos para a obtenção de bolsas de incentivo à graduação e ao estudo de línguas estrangeiras. Com algumas exceções, os bancos privados também oferecem auxílios similares – ainda insuficiente, é forçoso reconhecer.

Na Convenção Coletiva de Trabalho 2010-2011, fruto da greve deste ano, alguns outros direitos foram conquistados pelos bancários, como a dispensa para a realização de exame vestibular ou provas escolares durante o expediente. Além disso, os bancários demitidos sem justa causa têm direito ao valor de R\$ 893,63 para fins de custo com cursos de qualificação e/ou requalificação profissional.

As iniciativas do Sindicato

O Sindicato dos Bancários de Brasília possui uma Secretaria de Formação, que trata não só da formação política da categoria, mas também das questões relativas à qualificação profissional dos bancários.



Para suprir algumas das lacunas deixadas pelos bancos na qualificação profissional de seus funcionários, o Sindicato oferece periodicamente cursos voltados ao sistema financeiro, a custo reduzido para os sindicalizados. É o caso dos cursos preparatórios para as certificações CPA 10 e CPA 20, além do curso de matemática financeira com uso da calculadora HP 12, por exemplo.

No início de 2010, o Sindicato promoveu também um cursinho preparatório para o concurso da Caixa Econômica Federal, voltado aos bancários e seus dependentes. O cursinho foi um sucesso de adesão. O professor Agostinho Silva Filho, atualmente responsável pelos cursos CPA 10 e CPA 20, também oferece esporadicamente um curso sobre o funcionamento do mercado de ações, aberto à categoria.

“A nossa metodologia, nesse curso, é de focar nas questões mais recorrentes na prova

A NOSSA METODOLOGIA, NESSE CURSO, É DE FOCAR NAS QUESTÕES MAIS RECORRENTES NA PROVA DA CERTIFICAÇÃO

Agostinho Silva

da certificação. Para além disso, os conteúdos de que a gente trata são importantes para a tomada de decisões financeiras de qualquer pessoa”, afirma Agostinho Silva Filho, bancário do Banco do Brasil, economista de formação e professor há mais de 20 anos. O professor permite que a pessoa refaça o curso gratuitamente, caso não seja aprovado no teste das certificações.

Formação política

Conhecer a história...


Em 2009, o Sindicato realizou curso de formação política, voltado aos delegados sindicais e aberto a todos os bancários interessados. Wandeir Severo, secretário de Formação, informa que o Sindicato irá intensificar o trabalho de formação política tanto da categoria quanto da direção da entidade.

O Centro de Documentação (Cedoc) do Sindicato (foto) está sendo reestruturado, para oferecer aos bancários acesso a imagens, documentos e bibliografia que contam a história do Sindicato, da categoria e da luta dos trabalhadores de forma geral. A biblioteca, localizada na sede da entidade, é de uso aberto à categoria bancária e de pesquisadores interessados no tema. O local também conta com grande acervo com títulos para o público em geral.

“Nos últimos anos, principalmente, houve muitas contratações de bancários, tanto nos ban-



cos públicos quanto nos privados. Algumas dessas contratações, inclusive, são fruto da luta do movimento sindical. Os bancários novos, que estão se incorporando agora ao sistema financeiro, não conhecem a luta da categoria até aqui e, portanto, não a percebem como sendo deles também”, afirma Wandeir Severo.

“O objetivo dessas ações da Secretaria de Formação e do Cedoc, no que toca à formação política, é criar essa consciência nos bancários que estão entrando agora, para que possam levar a luta adiante. Quem não conhece o próprio passado não é capaz de construir um futuro”, completa ele. 



Campanha regada à ir





Intensa...



NOVEMBRO DE 2010 A JANEIRO DE 2011



... mobiliz



Organização dos bancários



NOVEMBRO DE 2010 A JANEIRO DE 2011



Registros da vida para a ficção

Funcionário do Banco do Brasil apaixonado pelas artes se firma como roteirista e diretor nas telonas

→ THAÍS ROHRER

Arte entrou de mansinho na vida de Ignácio Amaral e aos poucos foi ganhando espaço até se tornar um dos seus principais prazeres. O amor pelas artes é nutrido desde a infância. Com 12 anos começou a atuar nas primeiras peças teatrais amadoras em grupos da escola e em apresentações da igreja em Minas Gerais. Naquela época, o interesse pelo cinema era apenas um sonho de menino sem recursos para participar de cursos e oportunidades de se aprofundar no mundo da sétima arte. Hoje, aos 43 anos, o analista de sistemas do Banco do Brasil também é cineasta e ator.

Apesar da intensa admiração pela arte, Ignácio passou por um longo caminho de percalços até começar a trabalhar com teatro e cinema profissionalmente. “A dificuldade em obter um retorno financeiro e o preconceito da sociedade com as pessoas que trabalhavam com arte me levaram a procurar uma profissão mais tradicional,

Foto: Lia de Paula



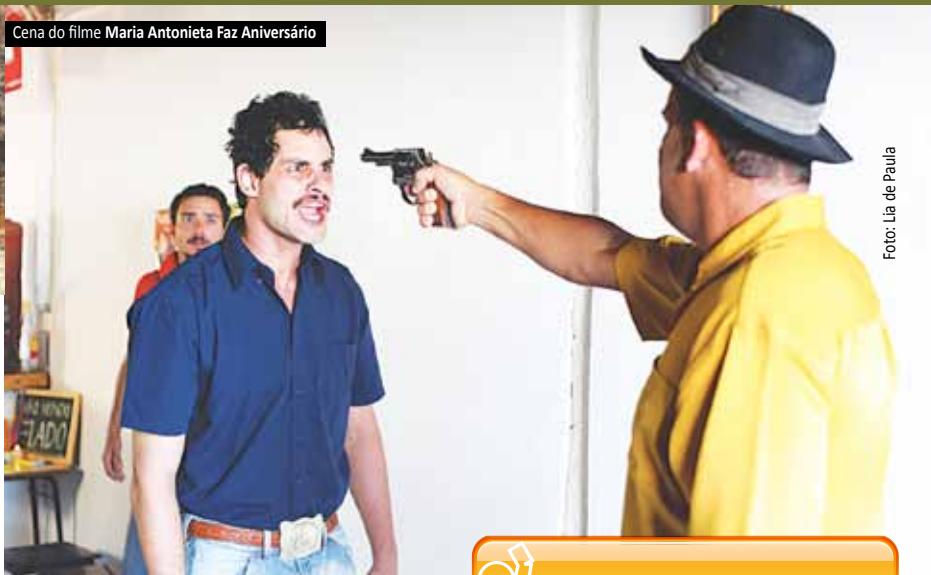


Foto: Lia de Paula

por isso fiz um curso de técnico em contabilidade quando completei 18 anos”, conta.

Continuou a trabalhar na área de contabilidade e informática durante anos até ser convidado para uma temporada em Lisboa (Portugal). Lá, oportunidades artísticas também surgiram e ele entrou definitivamente em contato com os bastidores do cinema. No exterior, Ignácio participou do seu primeiro curso de audiovisual que resultou em um documentário sobre a cidade baixa de Portugal. A partir daí, a carreira no cinema começou a deslançar. “Eu sempre tive vontade de trabalhar com película, mas era caro. Com a chegada da tecnologia audiovisual as possibilidades se ampliaram”, afirma o cineasta.

A vida de Ignácio é para lá de dinâmica. Ele nasceu em Antônio Ferreira (MG), depois se mudou para Itambacuri (também em MG), Belo Horizonte, Portugal, Salvador e finalmente, Brasília. Toda a experiência de vida serviu como ponto de referência e inspiração para as obras no cinema.

Está há quase 10 anos na capital federal trabalhando no Banco do Brasil. Em paralelo segue também com a carreira de produ-

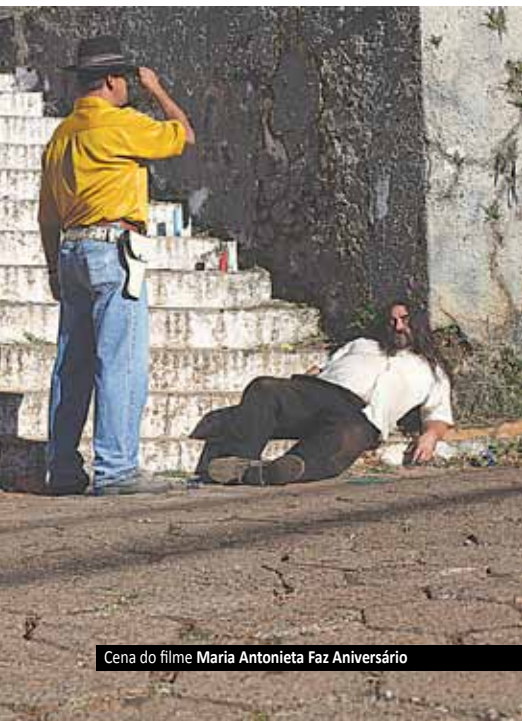
tor, diretor, roteirista e ator. Nesse período já se formou em Artes Cênicas com habilitação em Direção, pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (FADM) e cursa Cinema e Mídias Digitais no Instituto de Ensino Superior de Brasília (Iesb). Ignácio começou dirigindo peças teatrais até passar para a mesma função no cinema.

O currículo artístico já soma 26 trabalhos entre direção, atuação e roteiro. Ignácio comenta que o banco não está retratado em suas obras, mas que a convivência com os colegas ajuda em seu processo de criação. “O gênero que escrevo é ficção, mas obviamente eu falo de pessoas. Uma cena cotidiana me inspira e a partir daquilo começa a nascer a história”, revela.

Presença no Festival de Brasília

Três curtas-metragens independentes com direção e roteiro de Ignácio Amaral também foram selecionados para o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro nos anos anteriores.

- **À Cabidela** – 2009 – Digital
- **Sobre Ovelhas e Lobos** – 2008 – Digital
- **Amor Blatideo** – 2007 – 16mm



Cena do filme Maria Antonieta Faz Aniversário

Sátira da realidade

‘Maria Antonieta Faz Aniversário’ é o mais recente projeto de Ignácio Amaral. Ele é o diretor desse curta-metragem e resume a história do filme num tripé da problemática que retrata em boa parte o que é a sociedade hoje: violação dos direitos, sentimento de impotência e impunidade.

O filme surgiu como uma reflexão da situação político-social vivida atualmente no país que tem referências de séculos atrás. Muitas cenas do curta foram rodadas em Corumbá de Goiás remontando à época do coronelismo no Brasil. “O enredo trata da liberdade que é cerceada pelos problemas políticos e escândalos. No meio dessa situação temos a sensação de impotência”, resume Ignácio.

O curta é um dos concorrentes na categoria digital do 43º Festival de Cinema de Brasília do Cinema Brasileiro.



O ENREDO TRATA DA LIBERDADE QUE É CERCEADA PELOS PROBLEMAS POLÍTICOS E ESCÂNDALOS. NO MEIO DESSA SITUAÇÃO TEMOS A SENSAÇÃO DE IMPOTÊNCIA



Gilmar Carneiro
É membro do Conselho
Fiscal da Contraf-CUT

Fotos: Cedoc Seebb Brasília



Um sindicato de referência nacional



O SINDICATO É O INSTRUMENTO IMEDIATO E DIRETO DE DEFESA DOS TRABALHADORES. MESMO QUANDO O GOVERNO É COMPROMETIDO COM OS TRABALHADORES, A ENTIDADE DEVE CONTINUAR COMO PRINCIPAL MEIO DE PRESSÃO PARA A CONQUISTA DAS REIVINDICAÇÕES DA CATEGORIA

Fundada em 1961, a entidade enfrentou os anos de chumbo e o neoliberalismo do governo Fernando Henrique Cardoso, época marcada pelas demissões intensivas, planos de demissões voluntárias e arrocho salarial

Junto com o nascimento de Brasília, nasceu também o Sindicato dos Bancários de Brasília. Já nasceu como referência política e social para os trabalhadores da nova capital brasileira. Defendia os direitos dos bancários, ajudava os demais trabalhadores a se organizarem e assim crescia e participava das lutas pelo desenvolvimento econômico e social do Brasil. Era uma época de muitas esperanças. Era o Brasil de Juscelino Kubitschek e João Goulart! Era o Brasil da Bossa Nova!

Mas no meio do caminho tinha uma pedra, e os conservadores se mobilizaram e deram o golpe militar e implantaram a ditadura. Acabaram com a liberdade em todos os sentidos, e o Sindicato dos Bancários de Brasília também teve sua liberdade cerceada. A repressão foi violenta, mas os bancários de

Brasília também participaram da luta pela resistência à ditadura e pela redemocratização do Brasil. Finalmente, depois de muitos anos, os trabalhadores começaram a reconquistar seus sindicatos, com a retomada das greves do ABC paulista no final da década de 70. A cada ano mais sindicatos foram sendo reconquistados pelos trabalhadores.

Em 1978 também tivemos a primeira mobilização nacional dos bancários depois do golpe militar de 1964. Os bancários já tinham alguns sindicatos democratizados, como o de Porto Alegre, com Olívio Dutra, e o de Belo Horizonte, entre outros. Em 1979 reconquistamos o Sindicato dos Bancários de São Paulo e aí a força cresceu em todo o Brasil. Assim como a do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, a reconquista do Sindicato de Brasília era uma questão de honra. Com



o apoio de militantes e sindicatos de várias regiões do Brasil, finalmente reconquistamos o Sindicato dos Bancários de Brasília.

Os bancários do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do BRB e também dos bancos particulares e demais estatais existentes na época tiveram papel fundamental na retomada do Sindicato, na organização nacional da categoria bancária e da classe trabalhadora brasileira. Foram fundamentais na criação da CUT – Central Única dos Trabalhadores, primeira central sindical organizada estruturalmente na história do Brasil. A primeira sede própria da CUT foi a de Brasília, tendo os bancários como grandes articuladores da compra e da organização da entidade na capital do país.

Nas grandes greves nacionais dos bancários a partir de 1985, em todas elas a presença

dos bancários de Brasília teve destaque, particularmente com a grande adesão dos bancários do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do BRB. Que representam a grande maioria dos bancários da capital.

Com a redemocratização do Brasil e pela importância do Sindicato, as disputas eleitorais para que a categoria escolhesse quem deveria dirigir a entidade sempre estiveram presentes. E, com a fundação da CUT e da Contraf – Confederação Nacional dos Bancários da CUT, este Sindicato sempre contou com o apoio dos bancários para estar integrado com a categoria bancária em nível nacional.

Tivemos anos difíceis, com demissões intensivas, planos de demissões voluntárias que levaram a grande redução do funcionalismo federal, arrocho salarial por dez anos. Era a época neoliberal de Fernando Henrique Cardoso. Uma das piores épocas para os bancários e servidores públicos federais. Depois da política de privatização de FHC, o povo brasileiro resolveu dar uma oportunidade a um líder sindical metalúrgico, migrante nordestino e trabalhador do ABC paulista. Era a vez de Lula!

Pela primeira vez o Brasil seria governado por um peão! Graças a Deus, depois de alguns tropeços, depois de pagar as dívidas e resolver os problemas deixados por Fernando Henrique, o governo Lula estimulou o crescimento econômico com inclusão social, distribuição de renda, geração de milhões de empregos, e restabeleceu a dignidades dos bancários federais e dos servidores públicos.

Hoje, o Banco do Brasil tem mais de cem mil profissionais diretos trabalhando e é o maior banco do país. A Fundação BB é referência internacional no apoio à geração de trabalho e renda. A Previ é uma referência nacional. A Caixa fez uma verdadeira revolução habitacional, possibilitando que milhões de famílias tenham sua casa própria, e com as mobilizações dos bancários houve significativa reposição do poder de compra dos salários dos bancários. Ainda temos muita coisa a ser conquistada nos bancos federais e, para isto, existe o Sindicato. O BRB passou por um período delicado, quando quase todos os bancos estaduais foram privatizados por FHC. Precisamos construir um caminho que respeite os compromissos do BRB com a capital federal.

O Sindicato é o instrumento imediato e

ALÉM DE DEFENDER OS INTERESSES DOS BANCÁRIOS DO DF, O SINDICATO DEVE CONTRIBUIR COM A EVOLUÇÃO DAS CONQUISTAS NACIONAIS

direto de defesa dos trabalhadores. Mesmo quando o governo é comprometido com os trabalhadores, os sindicatos devem continuar como principal instrumento de pressão para a conquista das reivindicações dos trabalhadores. Em primeiro lugar, os sindicatos devem colocar os interesses dos seus representados. No caso do Sindicato dos Bancários de Brasília, em primeiro lugar estão os interesses dos bancários da capital.

Neste momento, além de defender os interesses dos bancários de Brasília, o Sindicato deve contribuir com a evolução das conquistas nacionais e, de modo direto e imediato, para consolidar uma gestão democrática e participativa no Governo do Distrito Federal. O governo Arruda levou a imagem de Brasília ao pior nível da sua história. Os bancários contribuíram para que Agnelo fosse eleito com a promessa de recuperar a dignidade na gestão pública. E o conjunto dos bancários tem capacidade intelectual, profissional e mobilidade social para contribuir com este compromisso.

Precisamos também contar com o Sindicato dos Bancários de Brasília na defesa das políticas públicas que garantam saúde, educação, segurança, transporte de massa, saneamento básico, trabalho e emprego para todos. Só seremos um país forte se as políticas públicas forem universalizadas, garantindo qualidade para que os nossos filhos tenham perspectiva de vida e que a geração que chega à terceira idade viva com dignidade.

Sabemos que podemos continuar confiando nos bancários de Brasília e que também podemos continuar contando com a força do seu Sindicato.

Parabéns a todos. 🇧🇷



Bancários seguem presentes nas lutas gerais por qualidade de trabalho e vida

→ PRICILLA BEINE

O segundo semestre de 2010 foi marcado por forte atuação das entidades sindicais em prol da classe trabalhadora. Questões como segurança, emprego e luta contra discriminação estiveram em pauta durante os últimos meses. Confira algumas das principais atividades realizadas nesse período.



Julho

- A nova diretoria do Sindicato tomou posse no dia 1º de julho. Mais de 500 pessoas compareceram à cerimônia para manifestar apoio aos novos dirigentes.
- Uma das primeiras ações da diretoria recém-empossada foi receber a procuradora-chefe do trabalho, Daniella Villafañe. O objetivo é estabelecer um canal de diálogo permanente com o Ministério Público com foco na adoção de ações em conjunto em defesa dos interesses da categoria bancária.
- Mesa temática entre a Contraf-CUT e Fenabam discutiu segurança bancária e reivindicou medidas para prevenção contra assaltos e sequestros, visando proteger a vida dos trabalhadores bancários e clientes.
- A CUT-DF entregou a Plataforma da Classe Trabalhadora ao então candidato ao governo, agora governador eleito do DF, Agnelo Queiroz. O documento foi elaborado a partir de debates, oficinas e seminários e segue diretrizes como valorização do trabalho, Estado democrático e participação ativa da sociedade no governo.
- A 12ª Conferência Nacional dos Bancários debateu sobre os números relativos a emprego na categoria, a discriminação no mercado de trabalho e a queda na remuneração dos bancários após a aposentadoria. Foram apresentados dados de pesquisas desde 1995 até os dias atuais.

Agosto

- No dia 5 de agosto, a Contraf-CUT e várias entidades sindicais se reuniram na sede da Fenae, em Brasília, para debater propostas de mobilização a fim de combater a

falta de isonomia entre os novos e antigos trabalhadores da Caixa.

- Em comemoração ao aniversário de 27 anos da CUT, no dia 20, foi lançado o novo portal com rádioweb e TVweb. A intenção é integrar os trabalhadores e movimentos sociais na produção de conteúdo ignorado pela grande mídia.
- Em homenagem aos 50 anos do Sindicato, comemorado em novembro de 2011, a escola de samba Acadêmicos da Asa Norte lançou, no dia 28, o samba enredo do próximo carnaval: “Nas bodas de ouro do seu sindicato, os grandes homenageados são os bancários”.
- Aproximadamente 25 mil pessoas participaram da tradicional Festa dos Bancários na AABB. A comemoração foi em homenagem ao Dia do Bancário, 28 de agosto. A festa contou com dois ambientes e só terminou ao amanhecer.

Setembro

- “Onde estão nossos direitos? Vamos às ruas construir um projeto popular” foi lema da 16ª edição do Grito dos Excluídos realizada no dia 7. A ocupação do espaço urbano e a necessidade da garantia de direitos econômicos para todos foi o tema adotado.
- O TJDF condenou o deputado distrital Pedro Passos a três meses de detenção por agressão ao diretor do Sindicato Rafael Zanon. A agressão aconteceu durante um evento de Folia de Reis na Granja do Torto.
- A CUT realizou, no dia 18, a Marcha pela Ampliação da Participação Política das Mulheres. A marcha teve como objetivo pedir o fortalecimento das candidaturas de mulheres no DF.

Outubro

- O Sindicato entregou 26 cestas básicas à comunidade de baixa renda do Córrego do Ouro, na região de Sobradinho. No dia 20 os alimentos foram arrecadados pelos bancários que participaram da quinta turma do curso de matemática financeira oferecido gratuitamente à categoria pelo Sindicato.
- Um abraço simbólico em frente ao edifício Sede I do Banco do Brasil marcou o ato público convocado pela CUT no dia 21. Outro ato aconteceu no dia 27 no edifício Matriz I da Caixa Econômica Federal. Estudantes, sindicalistas, parlamentares, militantes partidários e representantes de movimentos sociais participaram dos atos em defesa das empresas estatais.
- A então candidata à Presidência da República Dilma Rousseff esteve no Teatro dos Bancários no dia 27 para o lançamento da plataforma de governo para a área social. As ações têm como missão erradicar a miséria absoluta no país.

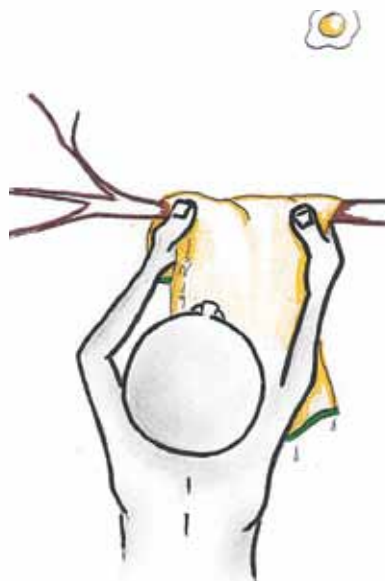
Novembro

- A Contraf-CUT enviou ofício à Fenaban solicitando a instalação imediata das mesas temáticas sobre saúde do trabalhador, terceirização, igualdade de oportunidades e segurança bancária.
- A Contraf-CUT participou do 3º Congresso Mundial da UNI Sindicato Global realizado em Nagasaki, no Japão. O congresso teve início no dia 9 e teve como tema geral, “Rompendo Berreiras”, representa o debate e a proposta de ações sobre migração e tráfico de mulheres, o impacto da crise financeira mundial sobre as trabalhadoras e o uso da mulher como arma de guerra. ☺

É o paraíso!



Não seja solidário
só uma vez ao ano!



Uma Assessoria qualificada defende os seus direitos

Por decisão do Supremo Tribunal Federal, os sindicatos têm hoje legitimação para atuar na defesa de todos e quaisquer direitos individuais e coletivos dos integrantes da categoria por eles representada. Isso significa dizer que o Sindicato pode defender o empregado nas ações coletivas ou individuais para a garantia de qualquer direito relacionado ao vínculo empregatício.

O Sindicato conta com dois segmentos em sua assessoria jurídica: o que trata de assuntos relacionados à Justiça do Trabalho, e que concentra o maior volume de questões, sob a tutela da Crivelli Advogados Associados, e o que trata de temas referentes à saúde do trabalhador, tendo à frente o escritório do advogado Luiz Antônio Castagna Maia.

Veja algumas ações movidas pela assessoria jurídica do Sindicato:



ADVOGADO TRABALHISTA E CIVIL

7ª e 8ª horas – ação que interrompe o prazo de contagem de tempo no direito de 7ª e 8ª horas

CGPC – O Sindicato obteve liminar suspendendo os efeitos da Resolução CGPC 26

Ações contra o assédio moral – ingresso de ação civil pública contra o ex-diretor da Dijur do Banco do Brasil

Denúncias no Ministério Público do Trabalho contra terceirização de atividade bancária

Equiparação de trabalhadores de financeiras a bancários

Atendimento

Advogados da Secretaria de Saúde
Segunda, quarta e sexta-feiras – das 10h às 12h, no Sindicato
Agendar pelo telefone: 3262-9090
O contato do escritório é 3349-3555.

Advogados trabalhistas

Plantões no Sindicato todos os dias, exceto às quartas
Segunda, terça e quinta – das 9h às 12h
Sexta – das 10h às 12h
Agendar pelo telefone: 3262-9090.
O contato do escritório é 3366-8100.

O atendimento individual é gratuito e feito no próprio Sindicato. Já o atendimento coletivo pode ser solicitado por meio de agendamento de reunião com a diretoria.



Sindicato dos Bancários de Brasília

EQS 314/315 Bloco A – Asa Sul/Brasília – CEP 70383-400 Fone: (61) 3262-9090 Fax: (61) 3346-8822